

TRAVESSURAS
NO NATAL

TANYA ANNE
CROSBY

AUTORA NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO "NEW YORK TIMES"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

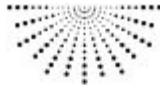
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TRAVESSURAS NO NATAL



TANYA ANNE CROSBY

Translated by
TAINÁ FERNANDES

Translated by
ROCHA DE ARAUJO



Travessuras no Natal

[Direitos Autorais](#)

[Dedicatória](#)

[Críticas a Tanya Anne Crosby](#)

[Prologue](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Outros livros de Tanya Anne Crosby](#)

[Sobre a Autora](#)

All rights reserved. No part of this publication may be used or reproduced or transmitted in any manner whatsoever, electronically, in print, or otherwise, without the prior written permission of both Oliver-Heber Books and Tanya Anne Crosby, except in the case of brief quotations embodied in critical articles and reviews.

PUBLISHER'S NOTE: This is a work of fiction. Names, characters, places, and incidents either are the product of the author's imagination or are used fictitiously. Any resemblance to actual persons, living or dead, business establishments, events, or locales is entirely coincidental.

Originally titled *Mischief & Mistletoe* by Tanya Anne Crosby

COPYRIGHT © Tanya Anne Crosby

Published by Oliver-Heber Books

"MEB"

 Created with **Vellum**

Ao amor ... na segunda vez.

CRÍTICAS A TANYA ANNE CROSBY

“Os personagens de Crosby mantem os leitores entretidos...”

Publishers Weekly

“Tanya Anne Crosby consegue nos entreter e realiza isso com humor, fluidez e a quantidade certa de romance.”

The Oakland Press

“Romance recheado de charme, paixão e intriga...”

Affaire de Coeur

“Sra. Crosby coloca a quantidade certa de humor... Fantástico, tentador!”

Rendezvous

“Tanya Anne Crosby escreve contos que toca a sua alma e que mora para sempre no seu coração.”

Sherrilyn Kenyon #1 NYT Autora Best-seller

“Ela é a minha Rainha dos romances históricos por mais de duas décadas e ainda me deixa sem fôlego e querendo mais!”

Barb Massabrook, leitora desde 1992

“Há momentos em que o seu coração vai bater mais rápido... e momentos nos quais vai se contorcer de tanto rir.”

Leah Weller, leitora desde 1993

PROLOGUE



*N*ewgale, Primavera 1838

EMMA NÃO SABIA BEM o que dizer.

As linhas de expressão que marcavam os lábios do Duque pareciam ficar mais profundas a cada tentativa de animá-lo. Pressionando as mãos contra o corpo, ela lutava contra a vontade de levar os dedos até sua boca e suavizar as linhas duras de seu rosto. Ela sabia que não seria apropriado.

Seu prometido permaneceu com as mãos entrelaçadas atrás das costas, perscrutando a faixa estreita da praia abaixo como uma estátua de mármore. Ele estava calado há um longo tempo.

Acima deles, as gaivotas lamentavam, mergulhando graciosamente no mar. As ondas rebentavam abaixo, batendo sem descanso contra a costa.

Ao lado dele, olhando para baixo, Emma reuniu coragem para quebrar o silêncio. "Lindo, não é?" ela perguntou, e passou as mãos por seu novo vestido matutino amarelo-limão. Ela o tinha colocado só para ele, porque uma vez havia dito a ela que a cor o lembrava da luz do sol. Ele dissera que achava o tom muito alegre, e depois

do aviso de seu pai sobre o mau humor do Duque, ela esperava que a cor o animasse de alguma forma.

“Adorável,” ele respondeu, distraído.

Emma franziu o cenho. Ela havia se sentido lisonjeada quando Lucien Morgen, o quinto Duque de Willyngham, a tinha notado logo no início. De todas as damas que ele poderia ter cortejado, ele havia escolhido ela. Parecia um sonho realizado, um conto de fadas. E mesmo nesse momento, com o duque parado a sua frente, Emma mal podia acreditar que ele tinha pedido a sua mão em casamento.

Ele desviou o olhar da praia distraidamente e olhou para ela com uma expressão estranha, que Emma não conseguiu decifrar. De qualquer forma, ele parecia estar enterrado em problemas.

Ela sorriu para ele. “Eu sabia que você pensaria assim. Eu sempre amei esse lugar,” ela confessou.

Ele a olhava curiosamente, seus olhos azuis brilhando anormalmente, e alguma coisa na sua expressão enviou um arrepio por sua espinha, sentiu-se como no inverno em pleno verão.

Emma franziu mais ainda o cenho e esfregou os braços ansiosamente. “Embora às vezes fique um pouco frio,” ela disse. “Mesmo no verão, o vento consegue destruir tudo em seu caminho.”

“As pessoas encontram um jeito de fazer isso também,” ele declarou, e seus olhos de repente pareciam ter adquirido um toque de melancolia.

Sua mãe havia falecido recentemente, mas parecia ser mais que isso. Ela podia sentir. Ele estava se comportando de um jeito curioso durante toda a tarde e ela pensou que talvez a nota no *Times* o tivesse chateado mais do que alguém poderia prever. Ela só queria saber o que tinha sido dito exatamente, pois seu pai havia se recusado a esclarecer. Mencionou somente para que ela estivesse

preparada para o humor do duque. E ainda assim, como ela poderia ajuda-lo se não sabia o que o estava incomodando?

Ele ainda a encarava... como se a estivesse estudando... procurando alguma reação... alguma coisa.

Emma acreditava não ter dito nada que pudesse tê-lo perturbado. Se possível, ela estava ainda mais atenta hoje, tentando em vão fazê-lo sentir-se melhor.

Inquieta sob o seu escrutínio, decidiu que talvez fosse melhor parar de tentar animá-lo e simplesmente deixa-lo ficar de mau humor. Todo mundo tinha o direito de vez em quando e não parecia que ela conseguiria alterá-lo de qualquer forma.

Ela suspirou e se virou para espiar a queda para o mar azul-cinzeno, evitando o olhar dele. "Às vezes eu venho aqui... e imagino que maravilhas devem existir do outro lado do mar. Papai simplesmente ama o mar! Alguma vez esteve em um navio, Vossa Graça?"

O rosto do duque se contorceu, como se de alguma forma suas palavras o tivessem ferido fisicamente. "Que o diabo me enforque, Emma! Você não entende, não é?" Ele sacudiu a cabeça.

Emma de repente se sentiu pouco à vontade, algo que nunca havia acontecido em sua presença. "Vossa Graça," ela começou, "você está se sentindo bem? Você parece tão..."

"Você é tão meiga, Emma."

Emma pensou que poderia ter sido um cumprimento, exceto pela forma como ele o disse. De alguma forma, o seu tom dizia que era um traço menos que desejável. Sentindo-se na defensiva sem saber exatamente o porquê, ela objetou, "Não tão meiga quanto possa pensar, Vossa Graça!" Afinal, quantas vezes seu pai havia reclamado que ela tinha mais energia que muitos rapazes?

E mais uma vez olhou para ela com aquele olhar estranho. Ela sentiu o coração apertar. Um olhar que fazia com que quisesse segurá-lo bem apertado. E também sentiu-se um pouco menosprezada, pois o olhar em seu rosto a fez sentir-se menos que uma criança. E por fim, ela o informou atrevida, "De fato, penso que você gosta de acreditar que é um pouco mais perigoso do que é, Vossa Graça."

Ele arqueou a sobrancelha. "Será mesmo?" De repente, ele pareceu ficar divertido com a acusação, embora seu olhar sombrio não permitisse que alguém dissesse que ele tinha achado alguma graça. Na verdade, ele estava começando a parecer com o perigoso libertino que seus amigos afirmavam que era.

Ele a pegou pela mão. "Emma, querida... você não faz ideia..."

Ela empinou o queixo. "Oh, mas eu faço!" ela declarou, começando a ficar irritada com as insinuações dele de que não conseguia pensar por si mesma. Afinal, ela já estava com dezoito anos!

Ele negou com a cabeça. "Não. Não, você não faz. Eu pensei sobre isso por um bom tempo... todos os dias. Na verdade, venho tentando encontrar uma forma de explicar."

Sentindo que, de alguma forma, não queria ouvir o que ele estava prestes a dizer, Emma o interrompeu, "Mas, eu sei. Eu sei!" Ela estendeu a mão e a colocou em cima dos seus lábios. "Você é um bom homem, Lucien. Apesar da sujeira que o *Times* possa ter escrito ou do que as pessoas possam dizer."

Ele continuou balançando a cabeça, negando o que tinha dito.

"Eu sei porque — bem, porque acho que amo você!" ela exclamou antes de pensar no que estava dizendo. "Eu nunca poderia amar —"

“Droga, Emma!” ele explodiu. Ele segurou sua mão e a levou gentilmente até os lábios, como se para calar a si mesmo.

Emma ficou chocada com o seu tom.

A expressão dele se transformou diante dos seus olhos, mostrando repugnância e ela sentiu os olhos se encherem d'água com o modo como ele a olhou.

Ele recuperou a compostura rapidamente e soltou sua mão de forma abrupta, rejeitando-a. “Eu não *quero* que você me ame,” ele assegurou.

Emma sentiu as lágrimas ardendo nos olhos com as suas palavras dolorosas. Ela deu um passo atrás. “Mas e-eu acho que já te amo!” ela ouviu a si mesma, e enquanto falava, mal podia acreditar que estava se envergonhando de um modo tão horrível.

“Não,” ele negou. “Não ama. Eu posso te assegurar que você não sabe o significado dessa palavra.”

Magoada com sua inesperada veemência, Emma não ousou falar por medo de que se o fizesse, não conseguisse conter a quantidade de soluços que parecia que ia explodir do seu peito. Balançando a cabeça com desânimo, ela deu outro passo para trás. Ela não podia acreditar que tinha exposto seu coração e sua alma, e ele os pisoteou sem dar a menor importância. Ela virou o rosto, enquanto lutava para não derramar as lágrimas.

Ela *sabia* o que era amor! Ela sabia porque tinha recebido amor incondicionalmente daqueles que amava, e ela devolvia o sentimento na mesma medida. Ela rejeitou a declaração dele com toda a força do seu coração partido, mas não disse nada.

Ele a segurou pelos ombros e forçou-a a encará-lo, puxando-a para longe do penhasco. “Mas, então, nem eu — *ouça!*” Ele a sacudiu de leve. “Não entende, Emma? Eu não quero que você me

ame.” Seus olhos imploravam. “Me amar, seria o mesmo que se atirar desse maldito penhasco.”

Virando-se para olhar para baixo, Emma sufocou um grito ao notar o quão próximo ela tinha chegado da beirada. Ele a puxou para os seus braços, contradizendo suas palavras hostis, e ela nunca tinha se sentido mais confusa do que naquele instante. Por mais que tentasse, ela não conseguia encontrar sua voz, e então, ele se separou dela, depositando um último beijo casto em sua testa.

“Eu sinto muito,” ele sussurrou, afastando-a para longe do penhasco e a colocando em um local seguro. “Eu devo falar com seu pai agora.”

E antes que Emma conseguisse soltar o nó em sua garganta, ele estava indo embora. Somente então, ela deixou as lágrimas caírem. Ela não podia imaginar como tudo tinha dado tão errado — não percebia o que tinha acontecido — não imaginava o que poderia ter feito ou o que poderia ter dito.

E então, ele foi embora.

Nenhuma explicação. Nada. O orgulho a impediu de ir atrás dele.

CAPÍTULO UM



*N*ewgale, Natal 1841

O CALÓTIPO IMPRESSO, um tipo de fotografia, estava preso na moldura do espelho do armário. Tirada um mês antes da sua morte, era a única imagem real que eles tinham do pai. Ele estava sentado no seu banco favorito, vestindo o seu admirável uniforme, embora não coubesse mais no seu corpo pequeno e magro. Aparentemente, era um novo tipo de retrato que capturava a imagem exata de uma pessoa — um presente do Duque de Willyingham.

No dia em que havia sido tirada Emma descobrira que seu noivo tinha sido um oficial na companhia de seu pai.

Alguma vez esteve em um navio? — ah! A memória a incomodou. Que tola ela tinha sido.

Ela não havia nem percebido que o duque tinha tido um irmão mais velho, ou que a sua carreira na Marinha Real — uma aventura promissora, porém breve — tinha terminado abruptamente após a morte de seu irmão, encerrada pelo dever que tinha com o nome da família. Aparentemente, ele não era o filho favorito e usou cada oportunidade para ganhar o ressentimento do próprio pai. Ele

recebeu o título relutantemente e com muito rancor, e a única figura paterna que havia estimado tinha sido a do pai dela, mas esse era o único elogio que lhe faria — que ele tinha de alguma forma ganhado o respeito do seu pai — e que ele tinha tido consideração o suficiente por seu pai para esperar até que o corpo dele esfriasse para trazer a luz sua decisão final.

O canalha que era, o Duque de Willyingham, aparentemente não era o tipo de homem que se importava com alguém a não ser ele mesmo. Ele a tinha desejado somente como uma mulher que carregaria os seus filhos. Agora Emma entendia, apesar do retrato do seu pai desmentir o fato. Ela olhou para o calótipo. Não importava qual tivesse sido a sua razão para dar o retrato, ela tinha certeza que tinha sido inteiramente egoísta.

“Está frio,” lamentou, e estremeceu.

“Vista-se,” respondeu Cecile prontamente.

Emma cruzou os braços, se recusando a reconhecer que poderia ser a presença *dele* que estava afetando-a profundamente. Certamente não era por causa dele que ela estava tão exigente nesta manhã.

Ela estava feliz que Jane, sua camareira, tinha ido para casa por conta das festividades, mas somente Jane teria realmente entendido. Nem teria se esforçado para corrigi-la como Cecile parecia tão determinada a fazer.

“Emma, querida. Você não deve fazer isso consigo.”

“Eu *não* tenho medo de encontrá-lo,” Emma assegurou a esposa do seu irmão. “Se eu pudesse encontrar alguma coisa para vestir, ficaria feliz como um pato na lagoa, posso garantir!”

Cecile olhou para a montanha de vestidos que haviam sido descartados em cima da cama e para Emma que emitiu um gemido de agonia. Empurrando os vestidos para o lado, sentou e encarou o

calótipo. Tendo experimentado praticamente todos os vestidos que possuía, sentia-se perdida. E verdade fosse dita, ela nunca tinha estado tão perto de choramingar quanto naquele instante, embora não soubesse exatamente o motivo para tal. Com efeito, esta decisão tinha sido tomada há muito, muito tempo atrás. Claramente ele *não* tinha mudado de ideia, então porque ela deveria se preocupar com o que ele pensasse do vestido?

Cecile pegou um adorável vestido verde-garrafa enfeitado com renda na cor natural para o escrutínio de Emma. “Que tal este aqui?”

Emma suspirou e sacudiu a cabeça, sentindo-se como uma criança rebelde. “Não.”

“Talvez ele tenha mudado de ideia?” Cecile sugeriu, enquanto procurava diligentemente no guarda-roupa por outro vestido apropriado. “Eu poderia emprestar o ameixa de veludo...”

Emma levantou os olhos e franziu o cenho. “Eu não quero que ele mude de ideia.” E o ameixa de veludo é muito encantador... não serviria.

De fato, tinha sido melhor descobrir antes, do que tarde, o quanto seu prometido podia ser inconstante. Ela estava grata que ele a houvesse poupado do escândalo, por causa da doença do seu pai, mas todo o resto em relação ao homem a deixava irritada — tudo, até o fato de que ele havia escolhido a época das festividades para invadir a sua vida mais uma vez.

Emma estava certa de que ele não tinha se importado como ela estava passando, pois nenhuma vez em três anos ele tinha perguntado sobre o seu bem-estar. Ele nunca havia se importado em dar a ela o direito de escolha sobre o seu futuro — ou a cortesia de uma explicação. Ele simplesmente a deixou se perguntando todo esse tempo, aguardando por um pronunciamento que certamente

arruinaria a sua vida — bem, ela estava cansada de esperar. Ela queria acabar com isso logo.

Agora.

Deus! Ela tinha sido uma menina tão boba e cheia de sonhos, mas não mais. Ela tinha erroneamente acreditado que porque seu pai e sua mãe tinham encontrado o amor, e o seu querido irmão Andrew também o tivesse encontrado com a sua adorável esposa, Cecile, que ela também podia — e iria — encontrar o amor. Tinha sido mais tola ainda... tinha verdadeiramente acreditado que poderia encontrar o amor com *ele* — aquele tratante que já tinha deixado uma trilha de corações partidos!

Quanto aquele artigo no *Times*... Emma soube, somente depois de atormentar seu irmão, que o *The Times* tinha publicado uma nota escandalosa sobre o seu envolvimento com uma das damas de companhia da Rainha Vitória. Supostamente, houve suspeita de gravidez fora do casamento, que a maioria havia assumido ter sido concebida pelo duque de Willyngham. Acabou que a pobre mulher estava simplesmente enferma, mas foi dito que todas elas — exceto teoricamente, a Rainha Vitória — estavam prontas e dispostas a colocar a culpa no duque. Sem dúvida que ele tinha manipulado a Rainha com aquele sorriso libertino dele! Bem, que bom que a Rainha era recém-casada agora, e esperava que ela estivesse imune ao charme do Duque de Willyngham! Emma, por exemplo, estava determinada a guardar seu coração a todo custo. "Aquele homem é tão frio quanto Newgale no inverno!" ela jurou.

"Ele deve ter alguma coisa que o recomende para o seu pai tê-lo tido em tão alta estima."

Emma olhou para o calótipo com um olhar carrancudo. "Seja lá o que for..." ela disse. "Como ele ousa simplesmente aparecer, justo

agora!” Com apenas quatro dias restando para o Natal, sua presença estava destinada a lançar uma sombra sobre a ocasião.

“É possível que ele tenha mudado de ideia,” Cecile respondeu mais uma vez.

Emma olhou para a cunhada com um brilho de censura nos olhos. “Realmente, Cecile, eu não me casaria com o homem agora nem que eu estivesse morrendo e ele segurasse a única chave para o Paraíso.”

“Tsc.” Cecile exortou, e balançou a cabeça com desgosto olhando para o vestido que tinha nas mãos. Ela o jogou na cama, sem se importar em apresentá-lo para a consideração de Emma.

“Oh, sim! Esse aqui,” Emma exclamou, saltando da cama.

Se ele queria indiferença, que seja. Ela jurou ser tão desapaixorada como ele parecia ser. A última coisa que ela queria era se vestir para agradar o cafajeste. Agarrando o vestido que Cecile tinha descartado, ela se decidiu e assentiu com satisfação enquanto o segurava diante do corpo na frente do espelho. “Sim, esse servirá perfeitamente,” ela declarou, olhando em direção ao calótipo. “Me desculpe Papa.”

“Hmmm?” Distraída, Cecile se virou para ela e então, olhando o vestido que ela segurava na mão, exclamou consternada, “Oh, Emma!” Ela torceu o nariz. “Esse não, por favor!”

“Sim, este aqui,” Emma disse teimosa, e sorriu.

“Oh, meu bem, esse tom de marrom não combina com você de forma alguma!”

“Precisamente,” Emma disse. “E eu nunca tinha dado importância para o vestido. Além do mais, ele é feio. Os botões são muito grandes e o busto é excessivamente cômodo. Mas, esse é exatamente o ponto, não é?”

O rosto de Cecile se contorceu, claramente não entendendo. Olhou para Emma como se ela estivesse fora de si, e então deu um suspiro, que dizia a Emma, sem precisar de palavras, o quanto desaprovava sua escolha e foi direto para a porta, balançando a cabeça. Fechou a porta e deixou que Emma remoesse sozinha.

Ameixa, marrom, era tudo a mesma coisa, realmente — ela gostaria de ver o duque vestido com o tom de ameixa, na verdade — com torta de ameixa bem na cara! O pensamento, infantil, a fez sorrir um pouco.

Emma levou mais meia hora e uma dúzia de conferidas no espelho, antes de se sentir confiante o suficiente para deixar seu quarto. E uma vez que saiu, sentiu-se mais do que preparada para finalmente enfrentar o duque de Willyngham frente a frente.

Como era de se esperar, ela encontrou o demônio abrigado na biblioteca com Andrew, a porta ligeiramente entreaberta enquanto conversavam em tom de voz baixo. Ela parou por um instante, se preparando para o pior e o ouviu dizendo, “Eu garanto, Peters, eu não mudei de ideia.”

“Willyngham... você pelo menos considerou como irá parecer aos outros?”

“É o melhor”, o duque insistiu.

Mesmo dizendo para si mesma que não importava, o coração de Emma retorceu um pouco com suas palavras.

“Eu tinha esperado que com o tempo —”

Emma não esperou para ouvir mais.

A última coisa que queria era que Andrew fizesse o patife mudar de ideia. Com toda a dignidade que pôde reunir, escancarou a porta e entrou na biblioteca, levantando o queixo enquanto encontrava o olhar surpreso do irmão.

“Bom dia,” disse alegremente. “*Pardon*, não pude evitar ouvir. Mas, o duque está correto, Andrew. *É* a melhor opção para todos. Eu só me pergunto por que levou tanto tempo para que *Vossa Graça* finalmente se decidisse.” Por fim, ela encarou o duque, e à sua visão, seu coração falhou uma batida em resposta.

Como se fosse o mestre da propriedade, ele sentava na cadeira damasco azul escuro do irmão diante da janela, enquanto Andrew andava de um lado para o outro na sua frente como um convidado indesejado. Um demônio, como era, arqueou a sobrancelha escura diante sua declaração descarada, mas não fez nada além de reconhecê-la. Nenhum cumprimento, nada. Ele simplesmente permaneceu sentado a observando, seus olhos azuis escuros parecendo levemente divertidos.

Ele vestia azul, mas tão escuro que parecia preto — como os seus olhos, ela respaldou. E suas botas, certamente, também eram pretas — pretas e cobertas de areia. Suas sobrancelhas se arquearam. Teria ido até o penhasco? Ela se perguntou. Reviver o momento da sua maior humilhação, sem dúvida — mas isso não era importante. Ela estreitou os olhos, atrevendo-se a enfrentar seu olhar de novo. Dessa vez, resistiu a vontade de desviar os olhos. Pensou, Deus tenha piedade, *aquele* rosto — era o mesmo de que se lembrava, aquele que a havia enganado, o que ela tinha se apaixonado à primeira vista. Suas bochechas ainda estavam sombreadas e os olhos cansados. De fato, era o mesmo rosto que a tinha levado a acreditar que poderia fazer uma diferença na vida dele.

Ele deu uma olhada nela com a cabeça inclinada, que uma vez teria feito o seu coração disparar de excitação, mas ela se recusou a deixar que ele continuasse a afeta-la.

Seu irmão parecia chocado. “Mas, Emma, você quer dizer que está de acordo com essa loucura?”

Emma tirou o olhar do duque. “É claro que estou.” Ela já estava cansada de ficar hipnotizada pelo homem. Se seu coração saltava toda vez que ele olhava para ela, bem, era porque seus nervos estavam em frangalhos e apenas isso. Arqueando sua sobancelha com igual desprezo, ela se virou para o irmão. “Isso tem sido uma loucura por muito tempo. Realmente, Andrew, devemos agradecer a *Sua Graça*” — ela apontou com a cabeça para o duque, com um pouco de benevolência — “por ter levado papai em consideração, mas agora já passou do tempo de acabar com esse negócio — mais do que deveria. Devemos tornar essa decisão mútua pública. Na verdade, deveríamos postar no *Times* hoje.”

“Mútua?” Andrew e Lucien ecoaram juntos.

Que o Diabo o carregasse se ele se atrevesse a desafiá-la, mas a pergunta saiu de sua boca por vontade própria.

Lucien se endireitou na cadeira enquanto Emma se virava para encará-lo, seu sorriso decididamente frio.

“É claro,” ela disse sem vacilar. “Você não concorda, *Vossa Graça*?”

O uso afiado que ela fazia do seu título estava começando a atingir seus nervos, mas pela primeira vez em seus trinta e um anos de idade, Lucien se descobriu sem palavras. Ela permanecia parada a sua frente, proclamando a decisão *dele* como mútua, o desafiando com sua postura audaz e com aqueles olhos castanhos escuros — olhos que demonstravam saber mais do que ele podia se lembrar. Ela parecia tão frágil na época, com olhos de corça inabaláveis que o fizeram se sentir profano em comparação. Ele franziu o cenho com os pensamentos, e ela levantou o queixo mais um pouco. Ele quase

engasgou com o desafio. “Sim,” ele cedeu, limpando a garganta. “Eu concordo... Eu realmente, concordo.”

“Ah, Emma! Publicar no *Times*?” seu irmão perguntou incrédulo.

“É claro,” ela respondeu impertinente. “Por que não?”

“Pode ter certeza de que será publicado,” Andrew disse irascível, “embora a nota será qualquer coisa, exceto elogiosa, eu asseguro. A verdade é que aqueles cães irão escrever o que quiserem e não o que te agrada!”

“Não necessariamente,” Lucien contrapôs. “Eu tenho contatos.”

“Oh?” ela provocou. “As mesmas conexões que o envolveram com Lady Vitória talvez?”

Lucien abriu a boca para falar, e então a fechou. *Maldita megera*. A pergunta o deixou completamente chocado. Ele não tinha engravidado Lady Vitória, de fato, mas até que fosse provado que ela era virgem e que o inchaço em sua barriga era um mistério para os médicos, todos assumiram que era verdade. Tudo o que Lucien tentou fazer foi conseguir a ajuda de um médico especialista para a coitada — um sujeito que ele tinha conhecido na Marinha — o mesmo homem, na verdade, que havia tratado do pai deles. Foi através dele que Lucien se manteve informado sobre a doença do Almirante.

“Emma,” Andrew implorou, ignorando-o.

“Andrew,” ela contrapôs, devolvendo o pedido no mesmo tom.

Lucien forçou a si mesmo a se acomodar na cadeira para ver os dois discutirem, se abstendo respeitosamente da discussão. Ele deu um gole no porto que Andrew havia oferecido, e então Emma o chocou novamente e tudo o que pôde fazer foi tentar não engasgar quando engoliu o vinho.

Ela sorriu e pediu atrevida ao irmão, “Andrew, meu querido, poderia nos dar licença por um momento, por favor? Eu tenho algo a

dizer para Sua Graça. *Sozinha.*"

Pigarreando em surpresa, Lucien virou a taça que estava pela metade e a colocou na mesa de Peters.

"Por favor, Emma," seu irmão suplicou.

Sua voz estava calma, porém firme. "Não será mais do que um momento, Andrew."

Seu irmão soltou um suspiro cansado. "Muito bem, eu ficarei esperando no corredor." Ele foi até ela, segurou seus ombros, deu um beijo carinhoso na sua testa e se virou para Lucien com o olhar severo, ficando parecido com o pai. "Willyngham," ele disse enquanto se retirava, e Lucien reconheceu o aviso na simples menção do seu nome. Ele tinha que dar crédito ao homem. Ele não parecia se importar o mínimo com a diferença entre as suas posições quando o assunto era a sua irmã. Lucien acenou a sua compreensão e esperou que Andrew fechasse a porta atrás dele antes de se virar para a pequena megera.

Era curioso que ele não lembrasse dela como tal.

"Como se atreve a vir aqui?" ela sibilou no instante em que seus olhos se encontraram. Seus olhos se estreitaram e ela colocou as mãos no quadril furiosa.

"O que? Sem mais *Vossa Graça?*" ele perguntou alegremente. Claramente, ela sabia que ele não era o destinatário pretendido. "Eu estava começando a gostar do som nos seus lábios," ele afirmou.

Ela deu um passo à frente, e Lucien pensou que ela pudesse se lançar sobre ele em ultraje. "Como ousa, seu tratante! Se você tivesse qualquer afeição verdadeira por meu pai, teria se mantido afastado!"

Ele se importava *mesmo* com o pai dela. Foi a razão pela qual ele tinha arrastado aquilo por tanto tempo. E ainda assim, não sabia como responder a essa acusação. Ele realmente acreditava ter feito

o que era mais apropriado vindo para Newgale informá-la de sua decisão pessoalmente. Certamente teria sido mais fácil fazer um pronunciamento, enviar uma mensagem pelo mensageiro e terminar com tudo.

“Achei que preferiria que eu a avisasse pessoalmente,” ele disse com surpresa genuína.

Ela deu mais um passo à frente, com um olhar que fez o seu fígado se contorcer, e Lucien ficou de pé e se retirou para trás da cadeira damasco. Verdade seja dita, ele nunca confiaria em uma donzela irritada — e menos ainda nessa em particular, que estava se comportando de um modo totalmente diferente do usual.

Ela usava um vestido matutino horrível. A deixava com uma aparência cinza e velha, e mesmo assim, alguma coisa nela o intrigava. O brilho nos seus olhos? Talvez porque o cinismo que brilhava nos seus olhos espelhasse o dele. Cristo! O que ele tinha feito com ela? O mero pensamento torceu as suas entranhas, porque ele não era diferente de Midas — exceto que ao invés do toque de ouro, ele parecia deixar tudo amargo em seu caminho. Ele tinha que lembrar a si mesmo que ela estava com raiva agora, era a coisa certa a fazer.

Inferno, ele nunca poderia verdadeiramente agradá-la ou dar o que ela merecia. Ele era como o pai, um verdadeiro Morgen — incuravelmente podre até os ossos. Ele só podia esperar que, como seu marido, aquele sorriso doce que ele lembrava tão bem ficaria amargo e o seu coração gentil rapidamente se tornaria duro.

Tão duro quanto o dele.

Ao final, ela teria murchado, assim como a mãe dele, porque ele não poderia corresponder seus sentimentos. Ele não poderia amá-la. Ele não podia amar ninguém. Diabos se ele até mesmo sabia o significado da palavra.

Não, ela estava melhor sem ele, e pelo menos uma vez na vida ele faria o que era apropriado — pelo pai dela — o único homem que tinha acreditado nele — tanto quanto por ela.

“Tinta e papel teriam sido o suficiente,” ela o informou com firmeza. “Você não tem o direito de entrar aqui em uma ocasião tão reverente. Você não se importa o quanto a sua visita possa causar desgosto à minha família?”

“Sua família?” ele se viu repetindo, seu tom demonstrando incredulidade.

Não ela?

“Sim, minha família!” ela reiterou, as bochechas se cobrindo com o rubor de sua raiva. Ela deu a ele um sorriso frio. “Você pensou que eu me importaria um nada, *Vossa Graça*? Depois de todo esse tempo? Você pensou que encontraria a mesma menina sardenta e simplória que conhecia?”

Se inclinando o máximo que podia sem sair de trás da cadeira, Lucien se viu inspecionando a ponta do seu nariz, procurando pelas sardas a que ela se referira e viu que tinham sumido. E simplória não era exatamente o termo que ele teria usado para aquela mulher briguenta que estava de pé tão descaradamente diante dele.

“Bem,” ela continuou num sussurro acalorado. “Se pensou, ficará encantado em descobrir o contrário.” Ela deu outro passo à frente e colocou uma pequena caixa de prata em cima da mesa. Lucien tinha uma suspeita do que poderia ser, embora não tivesse a coragem de pedir que fosse devolvido, até agora.

Ele buscou o seu olhar, e ela sorriu verdadeiramente. “Agora eu sugiro que você coloque as suas coisas no seu faetonte — ou seja lá no que for que vocês os libertinos andem — e vá embora com a consciência limpa. Nem eu ou meu irmão causaremos problemas no

futuro. Está livre para ir.” Ela o dispensou com um leve aceno da mão.

Lucien piscou. “*Britschka,*” ele corrigiu. Então, ficou simplesmente parado lá, a encarando.

Ela o olhou fixamente por um momento, confusa, e então disse com convicção, “Eu realmente não me importo no que você veio. E nem estou particularmente preocupada como irá partir — seja a pé, de carruagem ou trenó — meramente, quero que vá. Agora... se me der licença, *Vossa Graça* —” Ela levantou aquelas saias horrorosas e marchou para além dele em direção à enorme parede coberta de livros às suas costas. “Eu devo pegar o que vim buscar e seguir o meu caminho.”

Ela poderia tê-lo enganado, Lucien pensou pesaroso. Ele estava certo de que ela tinha vindo em busca do seu pescoço!

Ele teve uma visão repentina em que ela causava danos físicos ao seu corpo, e ele recuou quando ela estendeu a mão para retirar um livro de capa verde de uma das estantes baixas atrás dele. Achou que fosse atingi-lo com o livro, mas ela simplesmente se virou e marchou para o outro lado da sala, enquanto ele ficou encarando com a boca aberta.

Em seu caminho, ele sentiu um súbito cheiro de lavanda, e seu sangue ferveu quando subiu o olhar pela linha adorável de suas costas.

Droga.

Todos aqueles anos, por mais adorável que ela fosse, ele não tinha sido capaz de se agitar ao menor pensamento dela. O choque pela resposta do seu corpo foi inesperado e mais do que indesejado.

Mas é claro, ela não saiu sem antes oferecer uma última palavra de conselho. Típico das mulheres, ele pensou ironicamente, querer ter a última palavra.

“Oh, mas eu deveria adverti-lo, entretanto. Você deveria sair de Newgale logo que seja possível,” ela disse com arrogância. “De outra forma, meu querido irmão pode pensar que você me deve um casamento no final das contas.” Ela sorriu friamente e então disse com um prazer óbvio, “Não gostaríamos disso agora não é, *Vossa Graça?*” Ela arqueou uma das encantadoras sobrancelhas e então acrescentou zombeteira, “Boa viagem, tratante!”

Ela fechou a porta sem esperar por uma resposta, e Lucien por um instante só pôde ficar encarando a porta aturdido.

Após um momento, ele esticou a mão e pegou a caixa prateada em cima da mesa e a abriu revelando o anel que havia pertencido a sua mãe.

Maldição.

Ela o tinha dispensado — como se não fosse nada — mas, depois de ter sido completamente dispensado, descobriu de repente que não queria mais partir...

CAPÍTULO DOIS



Se havia algo em que Lucien acreditava, era no seu instinto. Raramente algo dava errado. Embora ele tenha intencionalmente proposto um duelo ou dois, ou entrado em brigas — especialmente durante os seus anos de rebeldia — ele tendia a ser bastante decisivo.

Exceto nesse momento, no entanto.

Ele percebeu que não conseguia lidar com o fato de que teria que partir depois de ver o que ele aparentemente tinha feito a Emma. Saber que tinha sido ele a transformar aquela doce menina em uma megera amarga estava atormentando-o.

Ele tinha a melhor das intenções quando pediu para desfazer o noivado. Tinha-o feito, puramente, por respeito ao seu pai. Não desejava desonrar o homem ao desonrar a filha, e embora o pai dela tivesse certeza de que um casamento entre eles era exatamente do que precisavam, Lucien tinha igual certeza de que casar com ela os levaria ao tipo de degradação do relacionamento que ele queria evitar.

Ao que tudo indicava, ele tinha trazido desonra a todos da mesma forma.

Por um bom tempo ficou sentado, olhando pela porta aberta de sua carruagem com desgosto de si mesmo com a visão da doce menina que ele tinha visto da primeira vez assomando diante dos seus olhos.

Com quantos anos ela estaria? Vinte e um? Vinte e dois? Tinha passado da idade de casar, mas ainda era muito jovem e muito ingênua para o seu tipo, mesmo se ela estivesse com cento e um anos. Ele precisava de herdeiros, mas não tanto que pudesse suportar destruir a vida de uma criatura gentil pelo bem do seu nome.

Enquanto a noção de casamento nunca tivesse tido apelo para ele, sentia-se perfeitamente favorável a cumprir com o seu dever. Como o último dos Willyingham, agora ele era responsável por garantir a continuação da linhagem da família, mas ele não estava preparado para Emma.

Ele era muito aborrecido, cínico e egoísta – uma combinação tão letal para a alma quanto o ácido para uma flor próspera. Temia que fosse como o seu pai, e a verdade é que não amava a Emma de três anos atrás – nem mesmo a conhecia – e, enquanto ela certamente tinha um certo apelo para ele de uma forma básica, não tinha previsto que algum dia pudesse desenvolver alguma devoção a ela.

Ela era muito meiga e ingênua.

A morte da mãe havia sido considerada acidental, mas mesmo que ela não soubesse da dose letal que vinha ingerindo, ela tinha envenenado a si mesma lentamente por anos. Lucien sabia exatamente o motivo, e uma vez que tomou conhecimento do fato, entendeu a loucura que seria casar com alguém como Emma – alguém que queria algo mais do casamento do que joias e um nome.

Droga.

Ele teve a esperança de encontrar alguém de quem pudesse gostar, e ele *realmente* gostava de Emma. Mas, mais que isso, esperava encontrar alguém que ficaria contente em ter a própria vida e simplesmente não o incomodaria. Não queria que ficasse magoada caso tomasse uma amante, não queria que ela se importasse.

Emma era vulnerável demais... e se ela podia facilmente amá-lo – se realmente o amasse, como dissera amar uma vez – não podia, em sua consciência, condená-la a uma vida com alguém como ele.

Algum dia ela o agradeceria.

Então porque diabos ele sentia esse súbito e inesperado vazio na alma?

Resmungando um juramento, ele bateu nas costas do banco à sua frente com o punho fechado. De forma alguma conseguiria estragar até mesmo isso, e ele nunca tinha desgostado tanto de si mesmo quanto nesse momento. O mínimo que podia fazer era ficar e consertar o seu erro de alguma forma. Ele devia isso a Emma – uma explicação ao menos.

Descendo da carruagem e se encolhendo dentro do casaco, foi atrás de Peters, esperando poder explicar suas intenções para o irmão dela. Encontrou Peters dentro do estábulo, entregando as rédeas de um baio a um jovem ajudante.

“Ela tem o temperamento forte,” Peters comentou quando viu Lucien.

“Emma?”

Peters soltou uma risada leve, os olhos escuros o avaliando. “Ela também,” ele concordou.

“Estranho que eu não me lembre dela desse jeito,” Lucien confessou.

“Talvez porque você nunca a tenha conhecido,” disse Peters estreitando os olhos em sua direção enquanto saía do estábulo.

Lucien o seguiu, franzindo o cenho e sentindo-se confuso.

“Acredito que partirá de Newgale?”

“Sim, bem... em relação a isso...” Lucien respirou fundo. Nesta manhã, ele tinha conseguido evitar receber um soco no nariz, mas poderia receber um nesse momento.

Mal acreditando no que estava prestes a dizer, clareou a garganta e propôs, “Na verdade... pensei em ficar por mais um dia?”

O irmão de Emma parou abruptamente e virou para encará-lo, tão perplexo quanto Lucien se sentia.

Naquele momento, ele era a imagem do pai sem o uniforme, e apesar disso, Lucien se manteve por pelo menos uns bons quinze centímetros mais alto que Peters. Nunca tinha se sentido tão ansioso enquanto aguardava a decisão de um homem.

Peters estava completamente em seu direito de pedir que saísse. Independente da diferença de suas posições, esta era a sua casa. Sentindo-se tão inconveniente quanto uma criança sob o seu escrutínio, Lucien passou os dedos apreensivos pelos cabelos escuros.

“Você diz que quer ficar mais um dia?” Andrew repetiu duvidoso. Levantou até mesmo a sobrancelha igual ao pai, e Lucien se descobriu facilmente relacionando suas preocupações por Emma.

Andrew Peters franziu o cenho e examinou minuciosamente o futuro ex-noivo da irmã.

O duque colocou as mãos atrás das costas, esperando que a postura de não confronto, provavelmente o deixasse à vontade. “Pensei que talvez tivesse algo que eu pudesse fazer para ajudar a tornar isso mais fácil para ela,” Willyngham explicou. “Certamente, não tive a intenção de magoá-la tão profundamente.”

Andrew piscou de novo. “Então você não deseja deixar Emma com ressentimentos?”

“Precisamente,” Lucien concordou, acenando, e pareceu aliviado que Andrew havia entendido o que queria dizer.

Andrew coçou a parte de trás da cabeça, desconcertado com o pedido. “Sim, bem... mas, devo pensar que você simplesmente desejaria partir agora que ela lhe deu permissão para tal.”

Willynham parecia não ter resposta para aquele simples fato lógico. Ficou simplesmente parado lá, esperando, parecendo tão confuso quanto Andrew se sentia.

Seu pai tinha um dia respeitado o homem, apesar da sua reputação – o suficiente para oferecer a mão de Emma em matrimônio – e havia posado para aquela droga de retrato no maldito sol quente quando mal podia se levantar da cama sozinho – apesar de sua fúria proclamada por Willynham ter rompido o noivado.

Ele estudou o duque por um momento, e então depois de um longo silêncio consentiu, embora não estivesse confortável com a proposta. “Deus!” exclamou. “Muito bem. Fique. Mas, não sou nenhum tolo.” Ele lançou a Willynham um olhar de aviso. “Posso não ser tão hábil quanto o meu pai com uma pistola, mas desonre a minha irmã e esteja certo como a morte que estará comendo grama antes do café da manhã. Fui claro?”

Willynham assentiu seriamente. “Entendi. Tem a minha palavra. Obrigado,” disse apertando a mão de Andrew vigorosamente e saiu.

Andrew o observou, as sobrancelhas se franzindo em assombro.

Ele não fazia a menor ideia do que tinha acontecido entre Willynham e Emma na biblioteca, mas não importava o que fosse, tinha alterado o curso desse noivado malfadado anteriormente.

Como um peixe no anzol, o duque tinha sido claro e devidamente fisgado. A questão era: Emma desejava pegar o peixe?

Ele decidiu não contar à irmã a mudança de planos do duque, pelo menos, ainda não... só para garantir. Mas seus lábios se curvaram em um sorriso quase irônico, sentindo exatamente o que estava em jogo aqui... e tinha pouco haver com o desejo de Willyingham de preservar os sentimentos de ternura de sua irmã.

Sentindo-se um pouco travesso, riu consigo e se afastou.

Talvez seu pai soubesse de algo bom sobre o homem afinal?

No mínimo, esta prometia ser uma celebração um tanto não convencional... o que era precisamente o que ele gostava.

"... O assassino foi descoberto e como penalidade foi forçado a dar um sino tenor à paróquia Dewsbury, e até hoje no Natal o sino toca uma vez para cada ano que passou desde o nascimento de Cristo. Eu mesmo o ouvi," Andrew Peters jurou.

"Oh, Papa!" as crianças ecoaram em uníssono.

"Andrew!" Cecile advertiu.

Andrew se inclinou para a frente, removendo o cachimbo da boca por tempo o suficiente para se defender. "É uma história verdadeira."

"Mas Papa, quem mataria um pobre menino?" Lettie perguntou, seus olhos levemente tristes.

"Calma, calma," o pai a acalmou. "Aconteceu centenas de anos atrás. Nunca tema, minha querida." Ele recolocou o cachimbo na boca.

Cecile suspirou. "Não devia aterrorizar as crianças com esses contos horríveis. Na verdade, por que não deixa que Emma leia suas histórias e termine com isso, com a sua licença?"

"Não vai encontrar essa história nos livros," ele contestou, parecendo um velho rabugento, apesar de ainda ser jovem.

Cecile estremeceu, seus cachos loiros e pálidos tremendo com o gesto.

“Essa é pior, mais do que a que você contou no ano passado. Feixes de gravetos cinzentos queimados na Véspera de Natal em comemoração às batalhas já é horrível o bastante,” ela disse com convicção. “Mas o açougueiro de crianças é uma outra questão!”

“Tolices. É uma tradição venerável honrar nossos heróis que morreram em batalha, e que melhor época que o Natal, quando as famílias sentem mais falta ainda deles?”

“Talvez, mas tem alguma coisa definitivamente errada com a necessidade em encher os ouvidos de crianças inocentes,” sua esposa ralhou.

“Nós não nos importamos, mãe!” as crianças gritaram em uníssono.

“Bem, mas é um conto de Natal,” Andrew argumentou. “Em que poderia ser impróprio?”

“Papai,” o filho interrompeu. “O que tolices significa?”

“Você não precisa saber sobre isso,” Cecile admoestou o filho.

Andrew piscou para a esposa e acenou, ignorando convenientemente a pergunta do filho. “Vê, querida... as crianças adoram as minhas histórias. Onde mais as ouviriam senão de mim? E você, meu amor... por mais que proteste, sempre senta com o ouvido atento. Acredito que as desfrute tanto quanto.”

Cecile lançou um olhar de repreensão para ele e revirou os olhos. “Oh, fique calado!” ela pediu, com o pequeno indício de um sorriso.

Ouvindo eles discutirem, Emma não pôde evitar sua própria alegria. “Mesmo assim... talvez *seja* a hora de um conto menos macabro?”

Seu irmão podia ser pai e esposo, mas ainda era o mesmo menino arteiro com que havia crescido. Ela o entendia melhor que

qualquer um, e embora ele amasse o pai deles profundamente, ser filho do almirante era praticamente o mesmo que ser filha do pastor. Tinha um pouco de desafio no seu espírito - uma pequena rebelião que nem os anos que passaram nem o fardo da responsabilidade podiam conter de todo. E seu pai, Deus guardasse sua alma, apesar da sua natureza militar, nunca o tinha desencorajado. Na verdade, Emma achava que ele sentia um prazer secreto na insubordinação dos outros. Seria a única explicação para o seu interesse no tipo do Duque de Willyngham - um segundo filho rebelde que tinha sido atraído para a revolta. *Um desafio talvez?*

Ela segurou o pequeno volume verde que havia pego na biblioteca mais cedo. Verdade fosse dita, não fazia a menor ideia do porquê, só que naquele momento diante daquele homem irritante tinha ficado um pouco aturdida. A última coisa que queria era que Lucien achasse que ela tinha ido à biblioteca somente para vê-lo – embora fosse esse o caso, é claro. O fato de que havia levado o anel era prova o suficiente disso.

“Esse é um dos meus favoritos,” ela disse, afastando a imagem de Lucien Morgen, ainda mais bonito do que um homem tinha o direito de ser.

Ela olhou para os filhos do seu irmão. Jonathon, o mais novo com sete anos, o cabelo tão dourado quanto o da mãe, seu rosto meigo começando a perder o arredondado infantil. E a séria Lettie, que agora tinha nove anos, seu cabelo levemente mais escuro que o de Jon. Com um dente faltando e sardas no nariz, Emma estava certa de que Lettie seria adorável se continuasse espirituosa quando crescesse. E então Samantha, a mais velha travessa, de treze anos. O cabelo loiro morango tinha a mesma cor que o de Emma, e havia herdado os deslumbrantes olhos azuis da mãe junto com o estranho

senso de travessura do pai. Os três sentavam empertigados, os olhos brilhando em antecipação pela história que estava por vir.

“Querem ouvir?” provocou Emma, já sabendo qual seria a resposta. Este conto em particular era um favorito durante os anos que passaram, e ela e Andrew competiam pela chance de contá-lo. Assim, ela tinha observado a estante de Andrew a sua procura – mal escondido atrás de uma cópia bastante manuseada de *As Viagens de Gulliver* escrito por Jonathon Swift. É claro que o livro não foi a verdadeira razão pela qual havia ido até a biblioteca, embora tenha sido uma ótima desculpa. E agora, ela tinha o livro e Andrew não.

Emma amava contar essa história em especial, porque a partir do momento em que começava a ler, as três crianças de repente passavam a ter o melhor comportamento, cada uma competindo para realizar a melhor das ações.

Todas as três gritaram um enfático, “Oh, sim, por favor!”

Pensando que os filhos do seu irmão eram, de fato, uma grande dádiva para ela, Emma tentou não considerar a sua própria perda. A possibilidade de que ela poderia nunca ter seus próprios filhos dilacerava o seu coração.

Era fato consumado que haveria um escândalo quando o rompimento do noivado se tornasse público. E o que seria dito?

Não importava, disse a si mesma enquanto esperava paciente as crianças se sentarem ao seu redor e longe do pai, que piscou para ela em conspiração, concedendo o livro e a história com o seu costumeiro bom humor.

Emma suspirou, sentindo conforto na familiaridade.

Em Newgale, suas tradições sempre haviam sido simples, mas festivas. Sua mãe era ávida por conhecimento, e os pais se certificavam de incorporar as tradições que o pai aprendia em suas

viagens. Então, em essência, os feriados eram uma fusão gloriosa da vida de ambos os pais.

Ela abriu o livro com um gesto teatral, sorriu e perguntou às crianças, "Eu já contei à vocês sobre o presépio de Natal?"

"Só no ano passado!" Jonathon respondeu, e Emma reprimiu uma risadinha.

"Ora, finjam que vocês não ouviram," ela disse a ele. "Na França," ela começou.

"Papa não gosta dos Franceses." Lettie anunciou. Ela se virou para perguntar a ele por cima do ombro, "Gosta, Papa?"

Andrew tirou o cachimbo da boca. "Bem, veja..."

"Shhh, Andrew," Cecile exigiu, mas sem indelicadeza. Ela ajeitou a costura em seu colo para ouvir junto com as crianças.

Emma lançou um olhar de gratidão em direção a esposa de seu irmão e Cecile piscou em retorno.

"Na França," Emma continuou. "Todo ano, as crianças construíam sozinhas um presépio que seria colocado em frente a uma aconchegante lareira..."

"O que é um presépio?" Jonathon interrompeu, embora Emma soubesse que ele sabia muito bem a resposta. Ele lançou um olhar travesso para a irmã mais velha.

Samantha franziu o cenho. "Você já sabe o que é," ela disse. "É um berço!" Ela virou para Emma. "Certo, tia Em?"

"É sim," confirmou Emma, franzindo os lábios.

Jonathon fez um biquinho. "Ora, nosso presépio está sempre vazio," disse. "Então porque se incomodar?"

Emma afagou a sua cabeça. "Mas isso depende de você, não é?" Ele encolheu os ombros.

"De qualquer forma," ela continuou, "vocês lembram que o *pequenino* Jesus nasceu em um estábulo, certo?" Todas as crianças

concordaram, e ela levantou os olhos para ver que o irmão e sua esposa também acenavam a cabeça. Seu sorriso se alargou com a visão divertida que todos apresentavam. Tentando não pensar em como teria sido em sua própria casa – se fosse ter uma e com seus próprios filhos – curvou-se para a frente, emprestando à voz toda a reverência que ela sentia pelo conto. “Bem, na França acreditavam, com bastante veemência, que na noite anterior ao Natal...”

De repente ela levantou o olhar, só para perder seu bom humor e esquecer onde tinha parado na história. À visão do duque de pé parado no vão da porta, seu coração saltou para a garganta e ela esqueceu momentaneamente o que estava dizendo.

Ele estava encostado indolentemente no batente da porta, observando-a atentamente, e o modo como a olhava... ora, a enervava completamente.

Há quanto tempo ele estava parado ali?

Ele sorriu com arrogância, e seu coração tombou.

Franzindo o cenho, lançou um olhar para o irmão. Ele nem tinha se incomodado em avisá-la de que o duque continuaria em Newgale. A essa hora ela presumira que o demônio já tivesse partido – ansioso para partir, na verdade.

Que Deus aflija sua alma podre!

Bem, não importava, assegurou a si mesma. Ele partiria logo.

E que os ventos o levasse!

“O que acontece depois, tia Em?” perguntou Samantha, impaciente para ouvir o restante da história.

Depois? Depois sua vida voltaria ao normal!

Forçou-se a prestar atenção nas crianças, recuperando sua compostura e continuou, embora completamente irritada. “Depois... as crianças construíram um presépio especial...”

Jonathon franziu a testa.

“Você já disse isso, tia Em,” Lettie lembrou.

“Sim, bem...” Emma se forçou a ignorar a presença de Lucien, embora fosse uma tarefa completamente impossível, pois parecia preencher a sala, parado lá e a examinando minuciosamente de forma rude. “Muito bem... no presépio... toda noite -” Ela olhou para cima e vendo que *e/e* continuava parado precisamente no mesmo lugar, rapidamente desviou o olhar.

Amolação.

“Tia Em!” Samantha reclamou.

“Porque o seu rosto está vermelho?” Jonathon perguntou. “Está zangada?”

Emma piscou, tirando a imagem de Lucien da cabeça e continuou, ignorando a primeira pergunta de Jonathon, “Não. Não estou zangada,” disse, mas seu tom a desmentia. “Toda noite... todas as crianças colocavam um fiapo de palha como um símbolo de cada boa ação e prece que realizavam durante o dia...”

“Você parece zangada, e o rosto do papai sempre fica vermelho quando ele está zangado, também,” insistiu Jonathon.

Apesar dele mesmo, Lucien se viu sorrindo.

Ela estava realmente corando - um tom adorável de rosa que deu um pouco de cor à sua outrora aparência pálida - ela ainda estava usando aquele vestido horrível, notou.

Pela primeira vez na vida, descobriu-se sendo o alvo do *desprezo deliberado*.

E ainda assim, permaneceu ali, ouvindo-a ler. Apesar da sua óbvia antipatia por ele, ela tinha um modo de falar que enfeitiçava até o mais contrariado.

Sua mãe havia sido assim, lembrou. Ela tinha uma voz musical que transformava tudo o que dizia em música.

Pelo menos no começo.

Observando Emma, ele podia entender sua raiva por sua intrusão inconveniente. A cena diante dele era pura, sem mácula... exceto por sua presença.

A madeira estalava no fogo da lareira, e o cheiro de cera de abelha encheu seu nariz, flutuando como laços invisíveis das velas que tremulavam alegremente ao redor da sala. Laços no tom de um Borgonha escuro, entrelaçados com enfeites dourados, estavam pendurados junto com sinos que balançavam levemente por uma brisa imperceptível. Era totalmente diferente de qualquer dos seus natais passados.

Ele viu a cena natalina se desenrolar diante dele, sentindo-se com um intruso em seu meio... indesejado, e totalmente fora de lugar.

Emma falava suavemente, atraindo as crianças para a história. "... se todos eles tivessem sido muito, muito bonzinhos," ele a ouviu dizer, "então, na véspera de natal, os portões do Paraíso se abriram escancarados – sim, eles se abriram," ela assegurou ao rapazinho que parecia cético.

Lucien olhou para o seu rosto a tempo de ver um sorriso com covinhas que fez seu coração falhar. Ela bateu de leve no nariz do menino e continuou, "Os céus explodiram com uma bela luz e o *pequenino* Jesus desceu dos céus para dormir em uma aconchegante cama cheia de palha macia... palha que eles colocaram lá, devo acrescentar."

Ele não pôde evitar pensar se o pai dela os tinha deleitado dessa forma. O almirante tinha sido um homem tão sombrio – pelo menos fora de casa. Até aquele momento, Andrew Peters parecia tanto com ele. Essa noite, ele teve o vislumbre de outra pessoa.

"Verdade, tia Em?" a menina mais velha perguntou desconfiada, seus grandes olhos castanhos cheios de dúvida.

“Eu nunca vi acontecer,” o menino se queixou em um murmúrio, mexendo nos próprios sapatos.

Lucien sorriu quando Emma ignorou o protesto mal-humorado da criança. “Imagine só quão adorável seria não ter que dormir nas tábuas duras da manjedoura,” rogou. “Pense em como o *pequenino* Jesus ficaria grato.”

“Talvez ele trouxesse vários presentes para os meninos e meninas!” disse a filha mais nova excitada e bateu palmas com alegria.

Emma riu, aparentemente tendo-o dispensado com sucesso, e o som reverberou por Lucien como uma promessa. Mas logo sentiu uma estranheza – a sensação de ter sido colocado de lado – e não gostou nem um pouco disso. Sem contar o fato de que tinha sido ele a deixá-la de lado. Não importava o que fosse essa coisa que estava passando por sua cabeça, não estava gostando e franziu o cenho.

“Mas *só* se eles tiverem sido muito, muito bonzinhos,” ela advertiu logo às crianças.

Lucien clareou a garganta e se viu intrometendo antes que pudesse evitar, “E o que constitui precisamente *muito, muito bom*, Senhorita Peters?”

Por alguma razão peculiar, ele *precisava* que ela o aceitasse como parte da reunião acolhedora.

O fato de que ela não o fazia, feria seu orgulho – tanto quanto o modo como se dirigia a ele, *Vossa Graça* - como se fosse um epíteto. E daí, que ele não apreciava o título mais do que ela. Ele não o adquirira por nascimento e também não apreciava as restrições que acompanhavam o título. Infelizmente, parecia *ser praxe* desprezar a convenção, e de alguma forma, só tinha conseguido atrair mais atenção indesejada - de todo mundo, exceto Emma pelo que parecia.

A sala inteira ficou em silêncio, enquanto esperava que Emma reconhecesse a sua presença. E ainda assim, todos menos Emma reconheceram. Como nunca tinha feito antes, Emma rapidamente enterrou a cara no pequeno livro verde em um gesto de desafio.

Que o condenassem se ele simplesmente a deixaria ignorá-lo. Ele clareou a garganta novamente, lembrando-a que estava esperando uma resposta.

Contrariada, percebeu, ela o encarou. Ela estava relutante em dirigir a palavra a ele, e sua declaração confirmou a sua suspeita. "Suponho que alguém como você precise de um esclarecimento, *Vossa Graça,*" ela concedeu suave demais, pois suas palavras tinham a intenção de cortar, ele bem sabia. E apesar de ter escolhido suas armas cuidadosamente, ela teve sucesso, pois sua súbita acusação estava muito próxima de sua opinião sobre si para ser desconsiderada. Ela arqueou uma sobrancelha. "Sendo assim, devo fazer um esforço. Por boa ação, presumo que estejam se referindo a atos de devoção ou virtude. Entende o significado desses conceitos, *Vossa Graça?*" Seus olhos o desafiavam. "Ou devo esclarece-lo ainda mais, *Vossa Graça?*"

"Tia Em... Eu também não sei o que essas palavras significam," disse Jonathon, respondendo à acusação na sua voz. Suas sobrancelhas inclinadas em infelicidade. "É por isso que eu nunca ganho tantas palhas quanto Lettie ou Sam?"

A expressão de Emma se transformou virando consternada para o sobrinho desanimado. "Oh, não!" exclamou. "Você," ela o assegurou, lançando um olhar fulminante para Lucien antes de olhar preocupada para o menino, "é tudo o que há de virtuoso!" Ela sorriu suavemente para a criança, e naquele sorriso Lucien teve um vislumbre da expressão que um dia fora tantas vezes endereçada a ele. Uma com tanta pureza e inocência que o fez se sentir indigno.

Mas não era mais endereçada a ele, admitiu, e essa realização o fez se sentir estranhamente carente.

Nem, de fato, ela era mais aquela jovem moça inocente da qual ele lembrava. Obviamente. Ela era uma mulher crescida e podia cuidar de si mesma. Até mesmo contra ele, pelo que parecia.

Com uma gentileza que ele invejava, ela despenteou a brilhante cabeleira loira do menino, e por um momento, poderia jurar que havia sentido sua mão em seus cabelos. Os dedos quentes na sua nuca, a sensação foi tão real que ele inspirou profundamente e fechou os olhos aproveitando o momento privado. Mas isso tinha sido um erro, pois abriu uma janela que ele tinha fechado há muito tempo, revivendo uma memória que ele tinha afastado das lembranças.

Outro Natal, há muito tempo, distante...

Ele estava nos braços da sua mãe. Ela deu um beijo suave em seu nariz e despenteou seu cabelo. "Você é a minha luz," ela disse para ele então. Mas ela estava cega em seu amor por ele, porque tinha nascido com a escuridão do pai. Mesmo naquela época, sua armadura estava manchada de preto. Mesmo então. E, ao invés de ficar para ajudá-la a passar pela melancolia, ele fugiu... como um covarde... até que a morte do seu irmão o fez voltar para casa.

"Lembra do dia em que você e Lettie salvaram o papo-ruivo das mandíbulas perigosas da Penelope?" Emma estava dizendo, trazendo Lucien de volta ao presente.

"Felina velha, rabugenta!" Peters proclamou.

Lucien tinha esquecido completamente que Andrew e sua esposa estavam na sala. Tão focada estava a sua atenção em Emma.

Emma olhou para o irmão e acrescentou com um sorriso travesso, "E você lembra que o seu Papa o acolheu na ala infantil..."

“Pelo amor de Deus!” Cecile disse horrorizada, mais uma vez colocando a costura de lado. “Não no berçário! Realmente, Andrew!” Ela lançou um olhar de reprimenda ao marido e olhou para Lucien. “Às vezes me pergunto quem é a verdadeira criança nessa casa.”

Contrariando sua natureza, Lucien riu das suas brincadeiras. Ele invejava essa aliança fácil. E Emma... ela o lembrava demais de sua mãe... e Jonathon lembrava a ele mesmo.

Pobre criança.

Mais do que antes, sentiu-se como um intruso na casa deles.

“Bem, esse seria um ótimo exemplo de uma ação muito boa,” ela informou a todos. “Mas não tenho dúvidas de que vocês farão mais que doze esse ano.”

“Tia Em, manter as meias limpas conta?” Jonathon perguntou sério. A criança olhou para a tia com toda a esperança e adoração que Lucien tinha uma vez sentido por sua mãe, e não pôde evitar pensar que Emma teria sido uma ótima mãe, de fato. Ela poderia ter sido a mãe perfeita... para seus próprios filhos... mas ele se recusava a reconsiderar agora. Ela parecia tão frustrantemente inocente sentada lá no meio das crianças.

Ele a viu estremecer. Por causa do frio na sala, pensou - um frio que ele não sentia, pois já era uma parte dele. Que o condenassem se ele fosse capaz de sentir algo tão redentor quanto o amor. Não pretendia fazer com Emma Peters o que seu pai tinha feito com sua mãe tão gentil. Não, desistir tinha sido a decisão certa.

“Sim, é claro. Tudo conta,” Emma aconselhou as crianças caridosa, levantando um dedo, “contanto que seja feita para o bem.”

“Sim, mas tia Em, é realmente, *realmente* verdade?” perguntou de novo a mais nova.

Emma abraçou o livro contra o peito, e Lucien desejou que fosse seu rosto ali tão perto da batida do seu coração. Piscou afastando a

imagem. "Gostaria de pensar que sim," ela respondeu.

A filha mais velha virou os olhos suplicantes para o pai. "Podemos construir um presépio de novo este ano, Papa? Podemos, por favor?"

"Prometo não colocar mais nenhum rato," o menino prometeu. "Eles estavam com frio," ele explicou. "Só trouxe eles para mantê-los aquecidos."

"Céus, pensamos que nunca nos livraríamos daquelas criaturas horrorosas," Cecile disse para Lucien.

Compelido pelo apelo da mais velha e pela promessa fervorosa do filho, Peters retirou o cachimbo soltando fumaça da boca e disse, "Ora essa... não tenho nenhuma razão para não fazer."

"Ebaaaa!" as crianças gritaram em uníssono.

"Obrigada, Papa!" a mais nova falou, pulando e se atirando ao colo do pai. "Muito obrigada!"

O menino, também, pulou para cima de Emma, passando os bracinhos em volta do pescoço dela. "Nós te amamos, tia Em!"

Emma riu, e o som forte trouxe uma resposta física imediata de Lucien.

Duas vezes em um dia.

"Eu..." Ela olhou para cima de repente, encontrando o olhar de Lucien, e seu rosto adquiriu um tom adorável de rosa. Rapidamente desviou o olhar. "E-Eu amo você, também," ela assegurou a criança, mas sua voz havia tremido, e Lucien não pôde evitar se perguntar se ela estava lembrando de ter dito as mesmas palavras para ele.

Ele não conseguia esquecer.

Alegre, usando um vestido matutino em um pálido amarelo, ela tinha levantado seu rosto adorável para ele e disse com toda a sinceridade de uma criança em adoração, "Acho que amo você!"

Nenhuma palavra o havia tocado mais. Nenhuma o tornara mais sério. Nenhuma o tinha apavorado mais.

“Tia Em?” a mais nova perguntou, se virando um pouco no colo do pai onde havia se acomodado. Ela olhou para a tia e então virou para Lucien timidamente, mas com um ar levemente calculista nos sérios olhos azuis. “E se você tentasse ajudar uma pessoa ao invés de filhotes de papo-ruivo?” perguntou, agarrando o pescoço do pai. Mais uma vez ela olhou para Lucien e dessa vez não desviou o olhar. Lucien se mexeu desconfortavelmente sob o escrutínio inocente. “Isso conta como uma boa ação?” ela quis saber.

Lucien notou que Emma, também, havia percebido a direção do olhar de Lettie, assim como o pai dela.

Preso pelo exame minucioso combinado, e alvo da questão, Lucien nunca tinha se sentido tão desconcertado em toda a sua vida. Ele se endireitou abruptamente quando Emma respondeu séria, sua voz tremendo um pouco, “Sim, é claro, Lettie, embora só podemos meramente tentar ajudar.” Ela lançou um olhar estranho para Lucien. “Algumas pessoas não podem ser ajudadas,” ela expôs, e então levantou o queixo. “Tais pessoas você deve simplesmente deixar livres.”

Lucien logo teve a impressão de que ela falava sobre ele. Seria isso o que ela estava tentando fazer com seu comportamento congelante? Deixá-lo livre? O pensamento o tocou de um modo que ele não conseguiu entender muito bem.

Lettie sussurrou alguma coisa no ouvido do pai, e então Peters olhou para a filha com o que parecia ser surpresa, e de repente sua expressão se iluminou. Ele se virou para encarar Lucien como se tivesse tido algum tipo de epifania e então, parou abruptamente, rindo enquanto levantava com sua filha e a colocava no chão diante dele.

“Você é brilhante!” disse, removendo o cachimbo da boca e se curvando para plantar um beijo na sua testa. “Muito bom!” declarou para todos com uma súbita explosão de excitação. Se endireitou e deu um sorriso maroto. “Acredito que devo construir o presépio de uma vez!” E olhou para Lucien por um instante desconfortante, sacudindo a cabeça, rindo, e então lançou um sorriso largo em direção a Emma. E, rindo ainda, pegou a mão de sua esposa, a levantou e puxou da cadeira, declarando, “Venha, querida, temos trabalho a fazer.”

“Oh, mas, Andrew!” sua esposa exclamou, abandonando sua costura no chão, quando ele inesperadamente a pegou no colo. “O que você está fazendo?” ela riu. “Aonde estamos indo? Temos um convidado!”

“Estamos indo construir um presépio,” anunciou.

“Willyngham,” Peters disse e acenou com a cabeça, enquanto passava por ele com a esposa.

Lettie exclamou para os irmãos enquanto os pais saíam da sala, “Sim! E eu sei de uma boa ação especial que podemos fazer!” E como o pai tinha feito com a mãe, correu para a irmã, a levantou e a puxou pela mão com excitação. “Vem, vem!” ela apressou. “Deixa eu te contar.” Ela olhou para Lucien. “*Em segredo,*” disse para a irmã e a puxou para fora da sala.

“Eu posso ir, também!” Jonathon anunciou ao invés de perguntar. Ele levantou de um pulo e correu atrás delas. “Posso? Por favor!”

Em uma corrida com os membros se agitando, as três crianças passaram por Lucien, debandando, como se ele não estivesse ali. No espaço de alguns segundos a sala de pintura foi abandonada... salvo por ele mesmo... e Emma.

Ele observou por cima do ombro enquanto as crianças pulavam pelo corredor atrás dos pais notando que Lettie olhou para trás em

sua direção e rapidamente desviou o olhar, rindo travessa enquanto falava com os irmãos em sussurros. Ele ouviu o eco das vozes sussurradas por mais um instante e não se conteve.

Deu um passo para dentro da sala.

CAPÍTULO TRÊS



Emma não se atreveu a olhar para o duque - não podia suportar ficar na mesma sala que ele - sozinha, ainda por cima. Não podia imaginar o que havia possuído todo mundo para simplesmente abandoná-la de maneira tão rude. Ela esperava que o duque também fosse sair, mas ele ousou entrar na sala. Suas passadas ecoando na madeira, enquanto ia em direção à lareira. Parou ao seu lado, em cima do tapete Aubusson, e ela engoliu convulsivamente, não se atrevendo a olhar mais alto que suas botas.

Não se atreveu a responder à sua presença. Pelo contrário, examinou seu livro atentamente apesar de conhecer cada página.

“Esse foi um conto comovente,” comentou depois de um tempo de silêncio desconfortável.

Devagar, Emma espiou e viu que ele roçava de leve com um dedo comprido os laços com enfeites enfileirados ao longo da cornija, a mão masculina contrastando com as tiras de cetim e folhas frágeis. As velas queimando na cornija lançavam luz e sombra ao seu perfil. Ele pegou um querubim e logo o recolocou.

“Sim, bem” — ela engoliu em seco — “Pensei que tivesse partido já há algum tempo, *Vossa Graça.*”

Ele suspirou, se virando para encará-la, as mãos presas atrás das costas. “Sem dúvida que ficará feliz em saber que partirei logo pela manhã.” Seus lábios se curvaram do jeito sardônico que ele tinha, exceto que desta vez ela não estava tentada a passar os dedos para tentar colocar um sorriso em seu lugar.

E ainda assim, tentou, mas não conseguiu desviar o olhar. Seus olhos a hipnotizavam... como antes, de algum modo implorando a ela, fazendo-a acreditar que ele precisava dela.

Ora, ela se recusava a reconhecer isto.

Ela empinou o queixo levemente. “Eu ficaria significativamente mais satisfeita se soubesse que você já havia partido,” disse honestamente, e ficou de pé para encará-lo, largando o livro na poltrona de Andrew.

Ela queria dizer mais, queria perguntar o que tinha feito para que ele a colocasse de lado tão resolutamente, mas não conseguia se obrigar a proferir uma palavra nesse sentido. “Agora se me der licença,” disse, afobada. “Estamos no meio de uma celebração, e tenho assuntos a resolver.” Virando, ela se apressou para a porta.

Ele teve a audácia de rir às suas costas.

Emma parou e virou, insultada com o seu gozo, e quando o fez, percebeu que a risada era as custas dele mesmo e não dela. Ficou confusa.

Ele sacudiu a cabeça, como se estivesse com repulsa de si mesmo. “A assusto tanto que deva sair correndo toda vez que se vê na minha presença?”

Emma levantou o queixo. “Assustada, *Vossa Graça*? Acho que não.”, disse balançando a cabeça. “Simplesmente não tenho mais nada a dizer a você.”

Ele avançou de repente, e ela deu um passo atrás. “Não?”

“N-não,” afirmou, embora não tivesse certeza se foi em resposta a pergunta ou uma súplica desesperada para que se mantivesse afastado.

“Você mudou,” ele reconheceu, avançando mais um passo em sua direção.

“E você não,” ela devolveu, se afastando mais um passo.

Ele sacudiu a cabeça perplexo e disse parecendo confuso, “Não lembro de você sendo tão impertinente.”

“O que esperava? Que eu fosse ficar deitada e chorando pelo resto dos meus dias simplesmente porque você decidiu não honrar nosso noivado? Ora, seu tratante, minhas sinceras desculpas por desapontá-lo, mas não farei isso!”

Ele sacudiu a cabeça novamente. “Ao contrário... embora possa achar difícil de acreditar, estou bastante satisfeito. Nunca tive a intenção de te magoar, Emma.”

Emma se encolheu ao uso íntimo que ele fez do seu nome. Sua voz era suave — suave demais — lembrando-a do perigo de se aventurar a ficar muito próxima do homem. Ele irradiava calor, mas como o sol, se chegasse muito perto, te consumiria. “Bem, então, *Vossa Graça*,” ela disse, bem mais confortável com a formalidade, “pode estar certo de que não o fez. Como pode ver, estou bem, muito obrigada. Agora pode partir de Newgale com a consciência em paz. Está livre para ir,” disse novamente.

Suas feições se contorceram repentinamente, uma sombra passando por seus olhos. “Estou?”

Emma não se enganou acreditando que ele realmente se arrependia do que havia acontecido entre eles. Se sua vida estava em desordem não era preocupação dela. Nem era menos do que ele merecia. “É claro,” ela garantiu.

Ele se aproximou mais um passo, seus olhos esfumaçados perfurando os seus. "Pelo que eu entendi você está satisfeita com o resultado?"

Satisfeita?

Emma quase engasgou com a palavra. "Encantada," respondeu. E sem aguentar olhá-lo por mais nenhum segundo, engoliu e mais uma vez virou-se para deixá-lo. "Agora, se puder me dar sua licença, *Vossa Graça.*"

Para a sua surpresa, Lucien a segurou pelo pulso, e Emma estremeceu com o seu toque, mas ainda assim virou-se para encará-lo, embora no instante em que olhou e viu seus olhos torturados desejou não tê-lo feito. Eles estavam tão carregados de preocupação por ela que pensou que poderia chorar.

Não suportaria a sua pena.

"Por favor, me diga porque você parece estar tão ofendida," rogou. "Me diga porque não suporta nem olhar para mim."

Suas mãos começaram a tremer e seus olhos ficaram embaçados. "Perdão, *Vossa Graça.* Mas *não estou* ofendida," negou com ardor. "Se muito, estou bastante zangada, vê."

"Por causa do rompimento do noivado?"

Ela estreitou os olhos. "Já disse mais do que o suficiente."

Seus olhos azuis a desafiavam. "Diga-me mais uma vez, Emma," exigiu com a voz suave.

O som do seu nome saindo dos lábios enviou um arrepio por sua coluna. Soltando-se de sua mão, Emma disse um pouco histérica, "Porque você não pertence a este lugar, e porque não deveria ter vindo aqui!"

Suas sobrancelhas arquearam um pouco diante a sua declaração. "Sem medir palavras," comentou, assentindo. "Muito bem, Emma." Ele suspirou e uma emoção que não soube reconhecer tremulou no

fundo dos seus olhos. Por um breve instante, Emma pensou ter visto o mesmo olhar de mágoa que uma vez a tinha levado a amá-lo. Mas não se deixaria enganar a acreditar dessa vez. O duque não estava mais magoado do que era compassivo. Se muito, estava sentindo-se culpado pelo que estava prestes a fazer com a sua vida - e sem motivo. Engolindo convulsivamente, detestou o fato de que estava tentando desesperadamente libertá-lo da culpa, quando ele bem merecia sentir remorso - e mais. A sociedade se divertiria com a notícia do seu noivado rompido. Não podia imaginar a especulação — as piadas cruéis as suas custas. Entretanto, propôs, “Não me deve nada, Vossa Graça. Agora se puder me dar sua licença afinal, desejo-lhe uma boa viagem e uma boa vida.”

Lucien assentiu, finalmente a soltou.

“Boa viagem,” desejou novamente, mais firme dessa vez, quase engasgando com as palavras, e então virou-se e saiu.

“Adeus, Emma,” ele disse.

Emma não se virou, nem parou até alcançar seu quarto. O caráter definitivo daquela única palavra a perseguiu por todo o caminho pela casa.

Uma vez em seu quarto, bateu a porta e se apoiou contra ela, esforçando-se para recuperar o fôlego. Que Deus a ajudasse, ela tinha conseguido. Ela realmente tinha conseguido e muito bem. Disse adeus e tinha falado sério com todo o seu ser. Ela o tinha liberado e conseguido manter a dignidade. Mais tarde, talvez, só a dignidade poderia ser uma fria companheira, mas no momento parecia ser todo um mundo. Era algo em que pensar, ela sabia... e por ventura, nem tudo estava perdido.

Não era incomum encontrar um marido aos vinte e dois anos, disse a si mesma. E ela ainda tinha o seu dote. Uma soma bem pequena, e se o escândalo não a arruinasse completamente, talvez

um dia alcançasse o sonho pelo qual tanto ansiava – um marido que a amasse e crianças para amar.

Algum dia, mas agora estava contente em simplesmente manter sua dignidade intacta.

Sem ela, poderia perfeitamente deitar e chorar. E ela se recusava a ficar chorando.

No entanto, sentia-se meio abandonada no momento, e seu coração parecia estar em farrapos. Seus olhos ardiam com lágrimas que se recusava a derramar. Emma se preparou para dormir e se deitou para contar suas bênçãos. Caiu no sono com visões de Lucien dançando na sua cabeça.

CAPÍTULO QUATRO



“O que diabos você quer dizer com não há nada a ser feito!”

Ouvindo o tom furioso vindo da biblioteca, Emma parou onde estava. Seu primeiro impulso foi voltar, mas a curiosidade foi maior que sua consciência.

Esta manhã ela tinha descido com a intenção de perguntar a Andrew o que tinha mordido ele para permitir que Lucien Morgen pernoitasse em Newgale, especialmente depois de ter deixado perfeitamente claro quais eram os seus desejos. E também não acreditava que o duque estivesse menos desejoso em partir, e ainda assim ele havia pernoitado. Suspeitava sinceramente que Andrew fosse a raiz do problema. Parecia que o duque suspeitava da mesma coisa, já que parecia que estavam em um feroz confronto.

A voz do duque retumbou até mesmo atrás das portas fechadas. Emma estremeceu com a fúria. “Você pode achar as malditas rodas da carruagem. É isso que você pode fazer!”

Em contraste, a resposta de Andrew foi calma, um pouco abafada, mas Emma ouviu o suficiente para saber que se tratava de algum tipo de desculpa. Algo sobre o ladrão mais estranho que já houvesse encontrado. Não sabia como tinha conseguido roubar todas!

Não havia ladrões em Newgale. Praticamente ninguém além de aldeões comuns na cidade. Esse não era um lugar em que bandidos ficassem à espreita.

Quase morrendo de curiosidade, Emma encostou a cabeça na porta para ouvir melhor. “Droga, Peters. Isso cheira a esquema! Quem, diabos, roubaria quatro rodas de uma carruagem e não levaria cavalos árabes puro-sangue?”

“Raios, se eu sei,” ela ouviu Andrew resmungar. E então, “Não olhe para mim, Willyingham. Os malditos ignorantes também levaram as minhas.”

“Eu quero aquelas malditas rodas!” ouviu o duque gritar, e alguém bater em alguma coisa — a escrivainha, deduziu — com tanta fúria que a porta vibrou.

“Como pretende que eu faça isso? Não tenho noção de onde —”

“Não dou a mínima como vai fazer!” Fez-se um silêncio tenso e o duque exigiu, “Só faça!”

O grito soou tão perto da porta e tão de repente que Emma entrou em pânico. Suprimindo um grito mortificante e pensando na possibilidade de ser pega ouvindo atrás da porta, se obrigou a se afastar e correu apressada pelo corredor até a sala de pintura. Para o seu imenso alívio, entrou rapidamente e ficou fora de visão a tempo de não ser descoberta, para só então surpreender três crianças bisbilhotando.

Ao entrar, todos os três assustados, grasnaram ao serem surpreendidos. Ela mesma soltou um gemido e abriu a boca para falar, mas naquele instante a porta da biblioteca abriu e fechou com uma pancada, e seu rosto corou profusamente.

“Bem,” disse baixo, olhando para os três com suspeita, mas sem poder dizer mais nada. Como poderia repreendê-los por bisbilhotar quando ela era culpada de fazer o mesmo?

“Nós não fizemos nada, tia Em,” Jonathon disse, os olhos enormes de medo. Lettie deu-lhe uma cotovelada e ele a olhou culpado. “Oh,” disse baixinho.

“O que foi que vocês não fizeram?” Emma perguntou alisando as dobras de sua saia enquanto entrava mais na sala e dando uma olhada nervosa em direção à porta.

“Oh... nada,” Jon respondeu em voz baixa, parecendo mais culpado a cada instante. Ele olhou para os pés de repente. Suas meias estavam enlameadas.

Emma inspecionou as de suas irmãs. Seus sapatos também tinham lama, e com a neve que havia caído naquela manhã cobrindo o chão, só havia um lugar que continha lama, os estábulos.

“Estávamos apenas admirando o novo presépio, tia Em,” Samantha disse meiga, dando um empurrão no irmão.

Emma arqueou a sobrancelha. “Da porta?” perguntou duvidosa.

Samantha considerou por um instante e, então admitiu com um dar de ombros, “Bem, nós realmente ouvimos o duque gritando,” disse com tranquilidade.

Emma sentiu o rosto esquentar um pouco. “Sim, bem... eu também,” confessou. “Parece que alguém roubou o seu meio de escap— eh, partir,” explicou, percebendo que os três se remexeram com a notícia.

“Você viu o presépio, tia Em?” Lettie perguntou de repente, convenientemente mudando o assunto.

Samantha animou-se. “Oh, sim — não é grandioso?” acrescentou rapidamente, dando a sua irmã um aceno pela mudança.

“E já está cheio até a metade!” Jonathon soltou animadamente.

Ambas as irmãs deram-lhe uma cotovelada dessa vez, uma de cada lado.

Emma se aproximou para examinar o pequeno berço de madeira que havia sido colocado em frente a lareira. Tinha uma construção grosseira, mas ainda era uma visão charmosa. Dado o pouco tempo antes do Natal, imaginava que Andrew o tivesse construído sozinho, pois parecia a obra dele. “Vejo que está,” disse um pouco cautelosa e não pôde evitar se perguntar como tinham conseguido esse feito tão cedo naquela manhã.

Jonathon pulava animado de um pé para o outro. “Exatamente como você disse, tia Em! Tem uma palha para cada um de nós por cada ro—”

Com um arfar de horror, Samantha tapou a boca impetuosa do irmão. “Errrrrrva,” ela gritou no lugar dele. “Uma para cada erva.”

Emma franziu o cenho. “Uma para cada... erva?”

Samantha assentiu. “Oh, sim, tia Em! Uma palha para cada e toda erva que tiramos da horta da mamãe. Não foi uma boa ação?”

“Mesmo?” perguntou Emma. Não teve coragem de lembrá-los que estavam no meio do inverno. Sequer existia uma horta. E estava começando a entender com súbita clareza a estranha conversa que tinha ouvido atrás da porta da biblioteca. Com a expressão culpada de Jonathon, e os sorrisos inocentes demais das meninas, teve uma visão repentina do terrível contratempo que tinha acontecido as rodas da carruagem do duque. Apesar disso, também sabia que as crianças nunca poderiam ter realizado a monumental façanha sozinhas, e também não tinham a mente tortuosa o bastante para carregá-las sem ajuda. E sabia precisamente a quem responsabilizar. O pai delas, o trapaceiro. “Uma para cada erva, é isso?” murmurou, amaldiçoando seu adorável irmão para Jericó e mais.

“Oh, sim, tia Em!” Samantha e Lettie logo responderam, ambas sorrindo com o que nada mais era do que alívio. Jonathon, com a

mão de Samantha ainda servindo de mordança, apenas olhou para as irmãs, seu cenho franzido em confusão.

“Está tudo bem colocarmos palhas se todos nós ajudarmos?”

Emma deu a eles um olhar compreensivo “Precisou de todos os três para colher uma única erva?”

Todos assentiram seriamente.

“Bem, não acham que é um pouco excessivo? Além do mais, colher as ervas no meio do inverno não é exatamente uma boa ação de forma alguma,” informou-os lamentavelmente.

“Oh, mas eram ervas especiais,” Lettie devolveu esperançosa.

“E nós as colhemos por uma causa muito boa, tia Em,” Samantha declarou.

“É mesmo?” Emma cedeu. Ela não conseguia se forçar a acreditar que eles tinham vandalizado a carruagem do duque em seu favor. O mero pensamento era humilhante demais. No entanto, a imagem deles roubando as rodas da carruagem – junto com a reação do duque nesta manhã - tocou em um ponto cômico. Ela reprimiu um sorriso. Era vergonhoso que seu irmão recorresse a tais métodos para impedir que o duque deixasse Newgale. Sem mencionar que ele envolvera seus preciosos filhos em uma terrível má conduta. Certamente, ela faria seus ouvidos sangrarem na primeira oportunidade. Nesse meio tempo, era tudo o que podia fazer para evitar explodir diante de suas expressões culpadas.

“Tia Em,” Lettie disse em tom queixoso, parecendo desanimada, “você disse um punhado de palha para cada boa ação, não disse? Nós só fizemos o que você disse,” ela assegurou.

Emma pressionou os lábios, tentando ficar séria em vão. “Sim, eu realmente disse, não é?”

Os pequenos demônios.

Apoiados pelo pai, ela sabia que eles nunca confessariam, então não se incomodou em tentar fazê-los confessar. Deus, ela realmente os amava imensamente, pois metade sua queria contar ao duque precisamente o que tinha acontecido a suas abençoadas rodas para que ele pudesse pegar sua carruagem e partir. E a outra metade ficava mortificada só de pensar que ele soubesse. Não, simplesmente não suportaria que ele soubesse. Nem podia aguentar ficar olhando para as crianças por mais tempo sem que explodisse em gargalhadas.

“Tia Em,” Jonathon começou. “Você acha que o duque vai ficar para o Natal agora que sua —” Lettie pisou no seu sapato preto sujo nem tão gentilmente. “Ai!” ele gritou e virou-se para a irmã com um olhar ferido. “Eu não ia dizer!” gritou indignado. “Não ia!”

Emma deu a eles seu olhar mais desaprovador. “Eu realmente não sei,” disse a eles. “Mas eu, por exemplo, prefiro que não fique.”

A última coisa que ela desejava era ser jogada nas suas pequenas mãos travessas.

“Oh, nossa!” exclamou de repente, dramaticamente colocando uma das mãos na testa. “Acho que estou tendo um ataque repentino de vapores.” Não foi completamente um fingimento, reconheceu, pelo simples pensamento de que a presença contínua do duque em Newgale a deixou aturdida e pouco à vontade.

“Você está?” Samantha perguntou, suas pequenas sobrancelhas se franzindo.

“Oh, sim,” os assegurou.

“Oh, mas tia Em, você *nunca* tem os vapores!”

Ela fez uma careta para eles. “No entanto, parece que os estou tendo agora,” informou.

Ela não tinha noção do que eles estavam aprontando, nem o que seu tolo irmão possivelmente estava pensando, mas ela planejava

passar o resto do dia em seu quarto, lendo. Se eles queriam tão desesperadamente que o duque ficasse, então eles podiam entreter o demônio sem ela. Certamente, pensou, quando eles perceberem que ela não participaria dessa loucura, eles devolveriam as rodas, e ele teria partido antes do meio-dia.

Gemeu lamentavelmente e disse, "Oh, queridos... contem ao seu Papa, por favor, caso ele queira saber, que estou indisposta..."

"Até quando?" Samantha perguntou, parecendo em pânico.

"Até que o duque parta," Emma disse, e lançou lhes outro olhar de censura, virando-se com um farfalhar de saias e se apressando para a porta.

"Oh, mas tia Em!" Samantha protestou. "Espere!"

Todos os três correram atrás dela, parando abruptamente quando ela colidiu com o duque, que apareceu subitamente na porta.

"Oh!" Emma exclamou, cambaleando para trás a aparição inesperada. Realmente, ela não tinha ouvido sua aproximação e se perguntou irada há quanto tempo ele estava parado ali observando, ouvindo. Olhou para ele um pouco ansiosa, se perguntando exatamente o quanto ele teria ouvido.

Ele se esticou para estabilizá-la, e o toque de suas mãos em seus braços era mais do que podia aguentar. Seus dedos eram fortes demais, suas mãos muito quentes e firmes, e se ele não as tirasse, poderia realmente desmaiar.

Sem pensar, Lucien trouxe Emma para perto e descobriu que não conseguia se forçar a soltá-la.

Seus braços pareciam ser um lugar natural para ela ficar. Seu pulso acelerou, pois se ontem ela parecia triste e monótona, hoje ela parecia outra — e seu rosto, tingido com um rubor saudável, era tudo menos cinza. Seus olhos brilharam e escureceram à sua visão.

Essa realização o atingiu em algum lugar lá no fundo, embora não tenha parado para analisar o porquê.

Vestindo o mesmo amarelo pálido que tinha usado no dia em que ingenuamente disse a ele que o amava, parecia fresca e encantadora. Encantadora demais para o seu próprio bem. E então ele olhou para baixo e teve que lembrar a si mesmo de respirar. Seu coração falhou uma batida, pois no vestido de hoje havia algo totalmente diferente do vestido de três anos atrás, o decote. Estava bem mais abaixo do que gostaria, pelo menos para ela. O fez se sentir instantaneamente possessivo, querendo que nenhum homem visse aqueles adoráveis seios macios com esta vantagem. Enquanto encarava, lembrou a si mesmo de que não tinha nenhum direito de se preocupar com o seu decote – ou com qualquer coisa relacionada a Emma Peters para ser honesto. Não mais.

Ele queria atraí-la para os seus braços e beijá-la – bem ali e agora - maldição se não o faria. O instinto o levou a chegar mais perto, até sentir o calor que irradiava dos seus lábios.

Um calor que afastaria o frio.

Deus, seria tão fácil...

Seu coração martelava como se fosse jovem novamente.

Onde estavam agora as suas intenções honrosas?

Engolindo, sentiu-se preso por um momento interminável. Estremeceu e lembrou-se forçadamente a soltá-la. Não podia se permitir sentir o calor, nem esquecer o que devia fazer. Ele estava sentindo mais do que frio, sentia-se congelar até os ossos, e nada que tocasse seria o mesmo.

Ela podia vê-lo com um vilão, mas o rompimento do noivado era o ato mais gentil que podia fazer.

Com algum esforço, Lucien limpou a garganta, mas pela segunda vez em sua vida, não conseguiu encontrar sua voz.

“Eu... Eu estou bem, obrigada,” ela disse a ele um pouco instável, se contorcendo para longe do seu abraço.

Lucien ficou um instante confuso até perceber que não havia perguntado. E nem tinha sido ele que a havia soltado de bom grado. Seguindo a sua deixa, deu um passo atrás, limpando a garganta mais uma vez, embora ainda não conseguisse afastar o olhar do seu decote. “E-Eu estou satisfeito em ouvir que está bem,” disse, sua voz soando tensa até mesmo para os seus ouvidos.

Só agora que ela pareceu notar a direção do seu olhar, pois soltou um arfar chocado, enquanto ele via seu rubor aumentar e descer para os seios, e tudo em que pode pensar foi em colocar seus lábios ali e beijar o calor.

“Você sempre se esconde nos corredores?” ela o acusou.

Bom Deus, Lucien precisou de mais um instante para se controlar e desviar o olhar daquele delicioso bocado que o estava tentando tão dolorosamente. E mesmo tendo desviado seus olhos, seu corpo não esqueceu.

Maldição, ele estava duro como pedra. Por que tinha pensado que ela não poderia inflamá-lo?

Cerrando e abrindo o punho, não pôde evitar se perguntar se ela o teria recebido como amante tão apaixonadamente quanto tinha desejado ser sua esposa. Um arrepiou percorreu seu corpo ao mero pensamento, e olhou novamente para baixo para encontrar a sua resposta. Mesmo com as camadas de tecido, seus seios estavam arrepiados contra o tecido, pequenos bicos perfeitos que colocaria alegremente em sua boca.

Seu corpo ficou ainda mais duro.

Ele abafou um gemido.

“Parece que sim, Senhorita Peters,” ele confessou sem remorso. Encontrou seus suaves olhos castanhos com olhos azuis famintos.

Na verdade, bisbilhotar era o menor dos seus pecados em comparação ao que ele gostaria de cometer no momento. “Como você já descobriu...” Seus olhos entreabertos, queimando em um fogo azul. “...parece que alguém roubou o meu meio de ir para casa. Que melhor forma de descobrir quem possa ser do que bisbilhotando?”

Seu queixo levantou com a sua insinuação. “Ora essa, Vossa Graça,” disse, “por favor continue. Eu não tenho nada a esconder — nem tenho nenhum desejo de mantê-lo aqui. Agora tenha um bom dia, tratante!”

Ele a impediu de se retirar segurando a sua mão. Era mais macia do que lembrava e se descobriu desejando que ela tivesse mentido — que ela na verdade quisesse que ele ficasse. “Não tem?”

Ela olhou para ele estarecida, o rubor em sua face aumentando, e seus lábios cheios e maduros comprimindo com a afronta. Ela puxou a mão para libertá-la dele. “É claro que não!” Mais uma vez, sentiu uma súbita vontade de se abaixar e beijar aqueles lábios deleitáveis. “Posso lhe assegurar que *todos* nós ficaremos melhor quando você tiver partido — especialmente eu!”

Lucien assentiu, apesar de não saber porque sua resposta deveria desapontá-lo. Não podia ter esperado menos.

“Agora tenha um maldito bom dia, *Vossa Graça!*” disse, praguejando. Sua sobrelha arqueou diante do epíteto.

Dessa vez ela não esperou sua licença para sair, mas forçou seu caminho até a porta, seu vestido sussurrando ao passar por ele, seu perfume o atingindo em cheio.

Luxúria deslizou por suas veias como uma serpente.

Ficou parado por um momento vendo-a partir, sentindo-se mais do que confuso... até que suas saias amarelo limão desaparecessem completamente no corredor, e então ele se virou para encarar as

crianças que estavam com o rosto pálido e os olhos enormes como se ele fosse devorá-las uma a uma como o vilão dos seus piores pesadelos. Tinha esquecido completamente de que elas estavam ali, mas elas tinham o direito de temê-lo, pois tinha ouvido o suficiente da sua conversa com a tia para confirmar as suas suspeitas.

Olhando atrás dele, conseguiu ver o presépio, curiosamente adornado com laços e fitas de cetim, e parcialmente cheio de palha. Lembrando do quanto havia se sentindo como um intruso na noite anterior, fez uma careta, e as três crianças retrocederam um passo.

Lucien tinha a intenção de interrogá-los sem misericórdia. Tinha algo nele, ele sabia, a habilidade de enfraquecer um homem adulto. As crianças a sua frente não teriam nenhuma chance.

“Talvez um de vocês saiba onde eu posso encontrar quatro rodas de carruagem?” ele perguntou, arqueando uma sobrancelha do modo mais perspicaz.

Por um momento, nenhum deles falou, somente olharam uns para os outros questionando-se, e ele se descobriu estranhamente arrependido da resposta que estava por vir.

Mas havia se arrependido por nada, pois para a sua incredulidade todos três meramente se viraram e disseram ingenuamente como se fossem verdadeiramente inocentes, “Não, senhor, Vossa Graça.”

A criança do meio na verdade levantou o queixo e sorriu para ele — sorriu, pelo amor de Deus - e por um instante, Lucien ficou parado, estupefato, mal acreditando que os pequenos bárbaros tinham mentido para ele sem esforço. Nem apreciava o senso imediato e irracional de alívio que o tinha percorrido no mesmo instante. E então, apesar de saber que as crianças estavam mentindo, se surpreendeu ao lhes dar uma saída, “Não pensei que soubessem,” disse. Então virou-se e se afastou, a qual foi a reação mais chocante de todas que já havia tido.

Conforme o duque partiu, as três crianças correram até a porta para espiar.

“Agora o que nós fazemos?” Lettie perguntou enquanto o observavam ir. Quando ele finalmente sumiu no corredor, os três se afastaram da porta, suas expressões desanimadas enquanto sentavam ao redor do presépio para discutir o próximo passo. Eles olharam o presépio cheio pela metade com desânimo.

“Vocês acham que ele acreditou em nós?” Jon perguntou.

Tanto Lettie quanto Samantha estremeceram, parecendo abatidas apesar de parecer que ele tinha acreditado.

Samantha suspirou. “Creio que não vai funcionar se a tia Em planejar ficar o dia todo no quarto,” ela lamentou.

“Quão terrivelmente triste,” Lettie disse, seus olhos se enchendo de lágrimas.

“Eu realmente acredito que ele a ama,” Samantha alegou. “Você viu o modo como ele olhou para ela?”

“Eu pensei que ele a comeria viva!” Jon declarou. “Como o lobo na sua carruagem!”

Samantha revirou os olhos. “Garoto bobo. Esse é o brasão da família dele. Você vai entender melhor quando for adulto,” ela disse.

“Porque não temos um brasão de lobo?” ele perguntou.

“Porque não somos nobres,” Samantha explicou. “Por isso.”

“Bem, eu prefiro ser um almirante da marinha,” Jon declarou.

“A tia Em poderia animá-lo,” Lettie afirmou com convicção, e então, inclinou a cabeça lançando um olhar curioso para a irmã. “Como ele olha para ela, Sam?”

Samantha acariciou seu ombro em consolo. “Esqueça,” disse e balançou a cabeça de um modo maternal. “Você é ainda muito, muito nova para entender.”

“Se eles se casarem, me pergunto se a tia Em se tornará uma princesa,” Lettie ponderou em voz alta.

Samantha balançou a cabeça. “Não, ela seria uma duquesa, embora ainda seja um maravilhoso conto de fadas.”

“Papa diz que ambos são muito teimosos para o bem deles,” Jon as informou, impressionando com o seu conhecimento adquirido.

Lettie franziu o cenho. “Ele realmente disse?” Ela ergueu a cabeça para Samantha. “Sam... você acha que a tia Em ama o duque?”

“Oh, mas como ela poderia não amar!” Samantha respondeu com certeza. “Ele é tão terrivelmente, terrivelmente bonito!”

Jonathon torceu o nariz. “A beleza está no caráter,” ele proclamou, repetindo algo que seus pais diziam com frequência para ele.

Nenhum deles sabia realmente o que queria dizer.

Samantha suspirou dramaticamente, “O que, oh, o que faremos agora?”

“Bem... quando eu estou doente no meu quarto,” Jonathon interveio, falando para ninguém em particular, “A tia Em vem e lê para mim.”

Lettie assentiu. “Ela gosta de ler.”

“Ela é inteligente,” Jonathon continuou, seus olhos brilhando com admiração.

Lettie assentiu novamente. “Porque lê todos aqueles livros,” ela concordou. “A tia Em sempre sabe *exatamente* o que fazer.” Ela soltou um suspiro decepcionado e cedeu, “Só queria que nós também soubéssemos.”

“Bem,” Jonathon anunciou distraidamente, “nós podíamos deixá-lo doente?”

Ambas as meninas viraram embasbacadas para ele, boquiabertas.

“Não seja tolo.” Lettie disse depois de um momento aterrador. “Nós não gostaríamos de deixar o duque doente!” Ela golpeou seus ouvidos. “Ele é um duque, afinal!”

“Aaaiiii!” Jonathon esfregou seus ouvidos. “Bem, mas não o deixaríamos *realmente* doente,” ele retratou, amuado. “Nós podemos fingir que ele está doente e dizer a tia Em. Ela iria ao seu quarto,” ele insistiu. “Eu sei que ela iria porque é sempre ela que vem ao meu. A mamãe *sempre* manda ela.”

“Realmente, Jonathon,” Lettie ralhou, sacudindo a cabeça seriamente. “Isso nunca, nunca funcionaria. Porque,” ela perguntou sensatamente, jogando as mãos para o alto de um modo exagerado, “como faríamos para que ele permanecesse na cama?”

Os olhos de Samantha se arregalaram de súbito, e ela riu travessa. Ela colocou uma mão sobre a boca. “Ora,” ela propôs, seus olhos mais uma vez brilhando com a travessura, “talvez pudéssemos roubar suas roupas...”

CAPÍTULO CINCO



Ào anoitecer, ainda não havia nenhum sinal das rodas e o jantar com os Peters foi estranho na melhor das hipóteses, particularmente com a ausência de Emma na mesa. Lucien não estava acostumado a ver pequenos rostos do outro lado da mesa. Eles eram bem-comportados, falando somente quando falavam com eles, embora tivesse certeza de que haviam desenvolvido uma linguagem que era compreensível somente para eles - uma que excluía a necessidade de abrir a boca, pois seus olhos falavam em alto e bom som.

Diferente do jantar em Willyngham Hall, o humor era leve e jovial, e a comida era simples, mas gostosa. Peters na verdade gracejava com os criados, aconselhando qual dos pratos deveriam reservar para eles na cozinha, "se eles não quisessem perder."

Em contraste, seu jantar na semana anterior no Palácio de Buckingham tinha sido extraordinário, mas pomposo. Descobriu-se querendo contar a eles sobre a *pfefferkuchenhaus* — uma casa de pão de gengibre decorada com balas, doces e cobertura de açúcar — que tinha adornado a mesa da Rainha, e o *Christstollen*, um bolo de frutas com recheio de marzipã. Ambos eram pratos alemães que o novo marido da Rainha havia apresentado a mesa real natalina. Mas ele não disse nada, sentindo-se pouco à vontade com a

perspectiva de se intrometer nas suas tradições natalinas — especialmente com Emma ostensivamente ausente.

Como ele havia percebido, ela tinha levado sua refeição para o quarto — algo que ela aparentemente nunca havia feito antes. Sentiu-se como um ogro cheio de artimanhas, apesar de Peters e sua esposa serem tão graciosos quando vieram. Não pareceu incomodar Peters no mínimo que sua irmã estivesse protestando a presença de Lucien.

Ele os deliciou com mais histórias, extraíndo risadas das crianças e censura de sua esposa.

“Este ano,” informou às crianças. “Devemos deixar biscoitos melhores no presépio, e talvez os espólios sejam melhores.”

“Você está pensando em alguma coisa em particular?” sua esposa perguntou, seu olhar cheio de conhecimento.

Ele estremeceu e deu uma piscadela para Lucien. “Talvez uma gorda fatia de bolo de Natal sirva.”

“É claro,” disse Cecile.

“E você, Vossa Graça? Que tipo de confeito acha que agradaria ao menino Jesus?”

Lucien deu a Peters um olhar penetrante, e sugeriu, “Talvez uma boa fatia de desculpas.”

Peters teve a decência de engasgar de leve com o pedaço de faisão. Ele assentiu, recebendo diretamente o significado. Ambos sabiam o que tinha acontecido com as suas rodas, e Peters deveria se desculpar e fazer o certo, mas ele ficava sentado, comendo o faisão com um meio sorriso.

Da parte das crianças, elas ficaram sentadas observando o pai, e tomando o exemplo do pai, e Cecile não conseguiu olhar para ele depois do seu comentário.

A refeição prosseguiu em silêncio absoluto.

Pela manhã, Lucien sentiu-se um tolo por colaborar com a farsa. Acordou cedo, pretendendo encontrar as rodas da sua carruagem e partir. E o primeiro lugar em que pretendia procurar eram os estábulos. Parecia ser o lugar mais lógico para três crianças caprichosas esconderem as rodas da carruagem — então, novamente, lembrou a si mesmo, não eram simplesmente quatro rodas, pois eles tinham conseguido sumir com até mesmo os pertences do próprio pai — os ladrõezinhos. Sem dúvida para impedir que Lucien pegasse *emprestado* o seu meio de escape.

Abandonando a cama aconchegante e correndo pelo chão frio, verificou a gaveta onde havia colocado suas roupas. Franzindo o cenho, fechou e verificou as outras gavetas, e franzindo mais ainda as sobrancelhas abriu novamente a gaveta em que tinha visto seis itens pessoais.

Onde diabos estavam as suas roupas?

A gaveta permanecia vazia, não importava o quão frio estava, ele ficou parado boquiaberto, congelando seus culhões. Coçou a cabeça, confuso. Talvez a criada tivesse trocado os itens de lugar? Foi rapidamente para o armário e o escancarou.

Vazio, também.

Ele franziu o cenho intrigado. O maldito frio estava se entranhando em seus ossos agora. A maioria dos homens sensatos dormiam em suas vestimentas noturnas, enquanto ele tinha quer ser um daqueles pouco convencionais que dormiam como no dia em que vieram ao mundo. Que se danassem, mas ele não conseguia dormir com nada mais além de lençóis enrolados nas suas nádegas — só que agora ele estava congelando. Praguejando baixo sob a sua respiração, bateu a porta do armário e começou uma busca mais minuciosa pelo quarto, dessa vez com um pressentimento cada vez maior.

Alguma coisa não estava certa aqui.

Mesmo depois de procurar embaixo da cama — um lugar ridículo para ter colocado suas roupas, acreditou — não havia nenhum sinal delas. Nenhum item foi encontrado. Nem seus sapatos, nem suas calças, nem seu casaco. Nenhuma maldita peça. Um pressentimento começou a se formar — aqueles pestinhas!

Só então, ouviu os sussurros atrás da porta, sussurros infantis — os canalhas estavam bisbilhotando — e ocorreu a ele uma ideia súbita.

“Os malditos filhotes roubaram as minhas roupas!” berrou, mas mesmo enquanto o dizia, não parecia verdade.

Deus do céu! Eles tinham roubado as suas malditas roupas — primeiro as rodas e agora as suas calças.

Ele correu até a porta, pensando em nada mais além de recuperar os seus pertences, mas antes de alcançá-la ouviu seus gritos horrorizados enquanto fugiam da cena do crime. Na pressa de pará-los, escorregou e com um praguejamento abafado, tropeçou. Ele bateu na porta e a força do impacto o fez atingir o chão gelado, machucando seu cóccix. O som irreverente da sua colisão ecoou pela casa antiga, seguido por seu uivo de dor.

Fedelhos infernais!

Nunca em sua vida havia encontrado crianças iguais. Nunca havia conhecido uma família com um jeito tão peculiar, que permitiriam que meras crianças decidissem o funcionamento da casa — fosse Natal, ou não! Serviria bem a cada um dos malditos se ele levantasse do chão de madeira e corresse pelo corredor atrás deles, nu até os pés e louco como um velhaco! Deus o ajudasse... se ele apenas conseguisse levantar do chão. Ele tentou... e uivou de dor.

“TIA EM. Tia Em!”

Emma tinha terminado de tomar café quando as crianças entraram correndo na sala de jantar. Ela nem teve tempo de levantar da mesa antes que eles a rodeassem.

“O duque está muito doente!” Lettie lamentou. Seu rosto estava suado devido a sua louca corrida para salvá-lo.

Jonathon arquejava ao seu lado. “Muito, muito, *muito* doente!” enfatizou.

Emma mal conseguiu reprimir o pânico que subiu em seu peito. Sua expressão era de horror. “O que quer dizer com ele está doente?”

“Ora,” Lettie explicou em busca de fôlego. “Veja bem... estávamos brincando... no corredor...” Ela espreitou Emma, como se quisesse conferir a sua expressão, e então olhou para Samantha. “... e bem, vê...”

“Ele começou a gritar,” Samantha declarou, assumindo o relato da irmã, que parecia estar sem palavras. “Terríveis, terríveis gritos de agonia!”

“Pensamos que ele pudesse estar morrendo.” Jonathon colaborou imitando um espasmo e arregalando os olhos. Claramente, ele estava bastante chocado com a possibilidade.

“Emma, querida,” Cecile interrompeu calmamente, acostumada ao teatro das crianças. Emma ergueu o olhar para ela, linhas de preocupação marcando a sua testa. “Talvez você deva verificar qual é o problema com o duque?”

Antes mesmo de concordar, Emma já havia levantado da mesa. “Sim,” logo cedeu, seus pensamentos se atropelando. Ela não parou para considerar a onda de alívio que a acometeu com a sugestão de Cecile. “Talvez eu deva,” disse um pouco histérica.

“Sim, querida,” disse Cecile, seu tom cheio de preocupação, e Emma quase saiu como um raio da sala na pressa de chegar até Lucien.

Deus, não suportaria pensar que algo pudesse acontecer com ele bem ali na sua casa! Ela desejava que ele partisse, mas com certeza não o desejava morto!

“Crianças,” ela ouviu a repreensão de Cecile, “vocês devem ficar aqui comigo. A tia Em ficará melhor sem que vocês a atrapalhem.”

“Sim, mãe,” eles concordaram docemente, e Emma tinha certeza de que eles eram as crianças mais atenciosas que já tinha visto. Levantando as saias, ela correu escada acima até o primeiro piso e pelo corredor até o quarto do duque.

Gemendo de dor, Lucien conseguiu se levantar apertando a base da coluna.

Natal — hah, que fraude!

Ele esperava que aqueles fedelhos acabassem com nada mais que carvão nas suas meias e até mesmo isso era demais!

A cada passo, ele sentia-se mais perverso e ouvindo passos apressados, se impulsionou para a cama com mais uma pontada de dor e outra praga. Ele mal teve tempo de se cobrir antes da porta abrir e Emma surgir lá dentro.

Nem um pouco cavalheiresco, soltou outra imprecisão a sua visão e puxou os lençóis até o pescoço. “Ninguém bate nesse inferno de casa?” perguntou, exasperado.

Emma se enrijeceu com a acusação, embora não a tivesse impedido de entrar e se aproximar da cama. “Mesmo doente continua um libertino,” disse, franzindo o cenho. “Deus, não pode parar nunca de profanar?”

Libertino, ele?

Ela não sabia da missa a metade, Lucien pensou ironicamente. A visão dela aqueceu seu sangue de um jeito que meras cobertas nunca aqueceriam. Ele gemeu, levantando os joelhos para esconder a evidência. “Devo lembrá-la de que você mesma desenvolveu bastante uma aptidão para o idioma, Senhorita Peters.”

“Sim, bem...” Ela o olhou nem um pouco benevolente. “Você parece fazer aflorar o que há de pior em mim,” concedeu. “Vejo que está transpirando?”

Apesar do olhar penetrante que deu a ele, ela se aproximou mais, parando ao lado da cama. Ela esticou o braço para colocar as costas da mão, um pouco tímida, contra o seu rosto.

Inferno, foi tudo o que Lucien pôde fazer para não agarrá-la e pressioná-la mais firmemente contra a sua pele quente. Ele a desejava como um escocês desejava um whisky.

“Nossa, mas você *está* quente!” disse a ele com preocupação na voz.

Não era de se admirar, Lucien pensou, quando ela se inclinou para ele, mais uma vez expondo o seu decote. Ele tentou não olhar para o generoso conjunto diante dele. Nenhum banquete de Natal o tinha tentado mais. Vestida em um rosa profundo, a cor enaltecia o leve rubor de sua pele, e ele não pôde evitar pensar que nunca a tinha visto tão deslumbrante. Seus cabelos levantados artisticamente com uns cachos caindo gentilmente ao redor do seu rosto, fazendo uma moldura perfeita. Seus lábios exuberantes pareciam ter a mesma cor do seu vestido provocante e ele se perguntou como pareceriam depois de serem beijados exaustivamente.

O monstro embaixo das cobertas se agitou febril.

Droga.

Ela absorveu a sua aparência desgrenhada, o rubor em sua pele e balançou a cabeça com óbvia preocupação. “Na verdade, você

está com uma aparência terrível!” anunciou. “Você deveria estar grato que as crianças estavam brincando do lado de fora da porta e ouviram você,” acrescentou. “Não fosse por eles, nunca teria sabido que precisava vir.”

Ele arqueou uma sobrancelha. “Mesmo?”

“Verdade,” ela disse, empinando o queixo. “Deveria agradecê-los profusamente.”

“Na primeira oportunidade,” ele concordou.

Agradecê-los, realmente.

No momento, estava dividido entre tirar o couro deles e dar os maiores e mais finos presentes de toda a vida deles — não importava o que fosse.

Não fosse pelas crianças, ele já teria partido a essa altura, e não teria a menor ideia de como sua noiva tinha desabrochado.

Na verdade, ela era extraordinária, e qualquer dúvida de que não se sentia atraído por ela tinha virado poeira. Se a besta entre as suas pernas tivesse algo a dizer, ele estaria implorando seu perdão e levando-a para o altar.

Mas ele não era simplesmente a soma de suas partes, disse a si mesmo. Era um homem racional com boas razões para desejar protegê-la... exceto que a sua decisão já tinha se evaporado há muito tempo juntamente com as suas roupas.

Lucien simplesmente a encarou, sabendo que ela não podia imaginar o iminente perigo que sua virtude corria no momento.

“Acho que deveria partir,” disse sem muita convicção.

Sua sobrancelha se franziu. “Me diga aonde dói?”

Lucien tinha certeza de que ela não gostaria de saber.

Nenhuma de suas dores eram aceitáveis aos seus doces ouvidos. Ele estava quase dizendo a ela que estava perfeitamente bem, que ficaria muito bem se pudessem devolver as suas malditas roupas e

as rodas da carruagem, então ela se ajoelhou ao lado da cama e lhe tirou o fôlego.

O perfume de lavanda flutuou sobre os lençóis, doce e inebriante.

Ela piscou e seus profundos olhos castanhos o observaram com tanta aflição que o fez sentir-se estranhamente aquecido.

Ele segurou a respiração por tanto tempo que seus pulmões começaram a arder e seus olhos ficaram travados naquele decote delicioso que agora o tentava na altura dos olhos. “Eu... bem,” ele gaguejou. Foi tudo o que Lucien conseguiu balbuciar para evitar rolar em sua direção e enterrar seus lábios naqueles montes delectáveis.

Meu Deus, como ele queria atraí-la para a cama e sugar cada mamilo, primeiro por cima do tecido do vestido... e então, quando não protestasse ele os despiria completamente para o deleite dos seus olhos e se banquetearia neles. Ele queria fazê-la gemer em êxtase, queria lhe mostrar os prazeres femininos. Queria acariciá-la com suas mãos e seu corpo.

Ele ergueu os olhos para ela, para o seu rosto com uma revelação repentina, perigosa...

Ele queria ser o único.

Nunca tinha sido tão afetado por uma mulher na vida — e não ajudava em nada que estivesse completamente pelado debaixo dos lençóis.

Se ela soubesse — se seu irmão soubesse.

Cristo, ele não podia acreditar que eles realmente tinham enviado a garota para o seu quarto desacompanhada. Era como se pensassem que ele se vestia completamente até a cabeça como qualquer indivíduo respeitável faria. Mas eles o tinham julgado erroneamente.

Certamente, *ele* nunca teria permitido que ela entrasse no quarto de um homem perverso, e não pôde acreditar em como seu irmão parecia ser frouxo — com seus próprios filhos, aliás — não importava que Emma não fosse mais nenhuma criança.

Franziu o cenho, não gostando nem um pouco que ela se sentisse tão à vontade na sua presença, considerando que a maioria das mulheres teria morrido de medo a mera visão de um homem em suas roupas de dormir.

“O que, pelo amor de Deus, está errado?” ela perguntou, o rosto branco enquanto esperava que ele falasse.

“E-Eu caí,” disse finalmente, a voz falhou, o traindo.

“Você caiu?” ela repetiu em dúvida. Mas não tinha certeza se foi isso o que ouviu em sua voz, já que ainda não tinha conseguido desviar o olhar do seu corpo para poder olhar a sua expressão.

Ele engoliu convulsivamente.

“Vossa Graça,” ela sussurrou impaciente. “Você está bem?” Uma vez mais ela colocou a mão em seu rosto, e o monstro embaixo das cobertas tremeu com a carícia gentil.

“Oh, Deus,” disse.

“Oh, minha nossa!” ela exclamou. “Você está queimando!”

Ela colocou a mão sob o seu queixo e levantou seu rosto até que seus olhos se encontrassem, seu gesto tão gentil que Lucien mal conseguia suportar. E então ela deslizou os dedos mais para baixo, curvando-os ao redor do seu pescoço, medindo a temperatura do seu corpo. “O que posso fazer para aliviar a sua dor?” perguntou aflita.

Lucien se sentiu tonto.

A dor em suas costas completamente esquecida no momento, ofuscada pela dor na sua virilha. Se ela levantasse a saia e montasse

nele, aliviando a sua ereção inflexível no calor sedoso do seu corpo, ele morreria com prazer.

Pego no momento, Lucien não podia se ajudar. Se significasse que ela ficaria por mais um tempo, então fingiria estar quase morrendo, se fosse necessário. Qualquer coisa, *qualquer coisa*, para impedir que ela tirasse aqueles dedos graciosos da sua pele ardendo. Ele os queria desesperadamente em volta do seu eixo, seu polegar acariciando a ponta da cabeça, onde a pequena umidade a cobriria. Na sua cabeça, a viu trazer o polegar úmido até os lábios, os umedecendo, o sorriso reluzente e cheio de promessa.

Ele sorriu pesaroso quando ela começou a se retirar, e tirou o braço debaixo da cobertura para segurar seu braço e impedir que saísse. Parecia tão certo que ela o tocasse. Mais certo do que qualquer coisa que tinha sentido em sua vida.

“Meu pescoço,” disse asperamente, deitando-se facilmente quando encontrou os seus olhos. “Parece... Rígido.” Ele levantou sua outra mão e também a colocou em seu rosto febril. “E minha cabeça,” disse com rouquidão na voz, seus olhos pesados de desejo, “dói terrivelmente.”

“Dói mesmo?” Emma perguntou, olhando para ele em dúvida. Ela olhou repentinamente para o seu braço nu com algo parecido com horror.

“Oh, Deus — muito!”

Franziu o cenho. “D-deve ser a febre,” ela o assegurou. Mas seu olhar em momento algum se desviou do braço. E ela encarava fixamente a parte nua exposta enquanto outra parte aumentava insistentemente.

“Definitivamente — definitivamente a febre.”

Ele estava queimando e começava a balbuciar, esfregando a mão dela contra seu rosto, saboreando a sensação da sua pele macia

contra a sua barba. Ao mesmo tempo, embora duvidasse que ela soubesse, seus dedos começaram a se mover por entre os cachos desordenados em sua nuca, deslizando sobre sua pele queimando e pelos seus cabelos, acariciando sempre suavemente e a sensação estimulou seu corpo. A pele de Lucien se esticou como um gato se arqueando de prazer.

De repente, seus olhos se arregalaram. "Vossa Graça," ela arriscou.

"Emma," ele sussurrou. Seu coração batia ferozmente.

"Não sinto o colarinho da sua blusa!"

Ela fechou os olhos, mas não removeu a mão da sua nuca, e Lucien pensou que enlouqueceria se não fizesse amor com ela aqui e agora. "Sim, Emma," ele sussurrou, e sua respiração acelerou sabendo que ela tinha sido igualmente afetada por ele como ele tinha sido por ela. A prova estava no modo como estava levemente inclinada para a frente, atraída para ele inconscientemente.

Ele a guiou para mais perto e levantou o rosto para encontrar o dela, seus lábios tocando os dela gentilmente, com a intenção de aproveitar o momento.

Diabos, o primeiro contato não era nada do que Lucien tinha antecipado. Como um relâmpago o calor chiou através dele. Seu corpo despertando quando ela não ofereceu resistência, e ele fez uma incursão suave com a língua nos seus lábios, lambendo, saboreando completamente, se restringindo para não assustá-la.

Que o diabo o carregasse, mas se seu irmão era estúpido o suficiente para permitir que ela entrasse em seu quarto... ele era só um homem, afinal. Ele nunca tinha alegado ser um cavalheiro... e Deus sabia, nunca ninguém o havia acusado de ser um.

"Vossa Graça," ela protestou fracamente.

“Emma,” ele sussurrou, e ela tremeu ao som do seu nome, mas não se afastou.

Com um gemido de prazer e outro de vitória, Lucien pressionou sua língua entre os seus lábios saboreando o calor morno e suave da sua boca. Canela, pensou vagamente. Sua boca tinha gosto de canela. Saboreou a sensação quando ela aceitou a sua língua e a encontrou com a dela em uma tentativa.

“Emma, Emma, Emma...” Ele sussurrou seu nome e gemeu, pensando que ele tinha sido recompensado, quando ela permitiu que ele a trouxesse para o seu abraço faminto.

Ele não conseguia acreditar que Andrew Peters podia ser tão insanamente estúpido ao jogar sua irmã na toca do lobo. Por Deus, pensou que tinha morrido e tinha parado no Paraíso. Embora o Paraíso, sabia, nunca fosse dele no final, e haveria um preço a ser pago por isso. E ainda assim, por esse momento incrível, ele pagaria alegremente...

Depois...

Muito, muito depois.

CAPÍTULO SEIS



Emma sabia que deveria protestar, mas não conseguia... ela tinha sonhado por tanto tempo com esse momento.

Era tudo o que havia imaginado que seria... e nada do que pudesse ter antecipado.

Beijar Lucien era o Paraíso.

Nesse momento não parecia importar que ele não a queria — nada importava naquele momento sonhador, indistinto, a não ser o beijo.

Bom Deus, ela não podia pensar com ele a segurando tão intimamente.

Quando ele a puxou para mais perto, não pôde fazer nada a não ser ceder, pois ele não parou de beijá-la em momento algum... enchendo sua boca com o calor mais ofuscante que já tinha sentindo.

Seu coração batia freneticamente dentro do seu peito enquanto ele a puxava mais para perto, mas ela não ousou falar com medo de quebrar o encanto. Se ela estivesse sonhando, então que Deus a deixasse sonhar.

Ela se sentiu ser arrastada para cima dele.... e ele subitamente uivou de dor.

Dando um gritinho, Emma se soltou dos seus braços e cambaleou para fora da cama, gemendo enquanto ele gritava mais uma vez.

“Malditos fedelhos!” ele exclamou. E então, de pé diante dele, o encarando aterrorizada, ele gritou novamente, “Fedelhos infernais!”

“Perdão,” Emma declarou, e então horrorizada com o que tinha feito — com o que tinha quase acontecido naquele quarto — disse, “Oh, Senhor!”

Ele havia se sentado na cama, expondo o peito nu, e ela gritou, “Oh D-Deus!” Ela deu um passo para longe da cama. “Você não está decente,” exclamou.

Ele a olhou indulgente. “De um jeito que você nem imagina!”

Emma não conseguiu mais encontrar sua voz. E mesmo assim não conseguiu se atrever a se virar, mesmo sabendo que era o que tinha que fazer. Ela corou furiosamente, sua mão cobrindo sua boca para ocultar o formigamento em seus lábios — a inegável evidência do beijo que haviam trocado.

“Pode agradecer ao seu sobrinho e as suas sobrinhas por isso!” disse sarcasticamente. “Eles roubaram as minhas roupas!” Ele lhe lançou uma careta de longo sofrimento, e então grunhiu de dor, estendendo a mão para as costas. “Praticamente destruíram a base da minha coluna!”

Emma pensou que desmaiaria com a sua declaração. Sem falar que a visão dele tão... tão... ao natural — e tão à vontade, aliás.

Sentiu o rosto corar fortemente. “Oh, nossa,” disse mais uma vez (e olhou de soslaio, finalmente). “Eu... Eu farei com que sejam logo devolvidas,” assegurou. “Eu... Eu sinto muito, Vossa Graça!” E com essa declaração, virou-se e fugiu do quarto, fechando a porta seguramente atrás dela.

Fora do quarto de Lucien, tremendo, Emma segurava a maçaneta com força, como se quisesse prendê-lo lá dentro. Somente depois que ficou claro que ele não a seguiria, que ela soltou a porta e correu pelo corredor.

Meu Deus! Não podia acreditar quanta liberdade tinha permitido a ele. Sentia-se tão humilhada. E nem podia acreditar no que as crianças tinham feito com ele.

E aquele beijo!

Não tinha como saber o que ele pensaria dela agora. Tanto tempo e nenhuma demonstração de indiferença da sua parte! A menor lembrança do ocorrido, pensou que morreria de vergonha.

Por mais que detestasse ter que fazê-lo, procurou o irmão e disse a ele o que tinha acontecido — ou a maior parte do ocorrido. Ela convenientemente omitiu os piores os detalhes. Se seu irmão pensasse por um momento sequer que o duque tinha se aproveitado dela, pagariam o preço ao diabo — tanto para ela quanto para o duque. Enquanto Andrew respeitava o duque, por sua honra ele perderia a própria vida. Ou tiraria uma. Emma não suportaria nenhuma dessas repercussões.

Por mais furioso que tivesse ficado com a notícia, Andrew conseguiu se controlar o bastante para consolá-la, mas isso só a fez se sentir mais condenada.

Ela não se sentia escandalizada, e na verdade, ocorreu a ela que provavelmente faria tudo de novo, e a realização desse fato a deixou tonta novamente.

Claramente, ela não podia confiar no homem e não cometeria o mesmo erro novamente.

Com a sua calma usual, Andrew assegurou que ele lidaria com o assunto discretamente, e ele o fez, logo repreendendo as crianças. Ninguém falou do assunto pelo resto do dia, e Emma se ocupou no

preparo dos presentes que distribuiria na manhã de Natal. Afinal, amanhã era véspera de Natal e ela tinha estado tão preocupada que tinha praticamente deixado todas as suas tarefas por fazer.

À tarde, tanto quanto se sabia, o duque finalmente tinha partido das terras, pois ninguém mais o viu, e além disso, uma das montarias de seu irmão tinha sumido. Apesar de dizer a si mesma que estava grata por ter sido poupada de um último confronto, ela nunca tinha se sentido tão abandonada em sua vida. Nem mesmo a morte de seus pais se comparava, pois, apesar de sentir uma saudade imensa deles, eles pelo menos a tinham deixado com a lembrança do seu amor. Lucien Morgen, por outro lado, tinha dado uma pequena amostra insensível do que ela nunca teria... e a tomou dela cruelmente, fazendo da sua pretensão uma terrível mentira. Hah! Ela não só se importava que ele a tivesse abandonado, mas partia seu coração saber que ela tinha ousado ter esperança novamente. Não importava que mais ninguém além dela e do duque soubessem o que tinha acontecido naquele quarto.

Ela sabia.

E ele sabia.

E a verdade desprezível era que ela nunca tinha realmente recuperado o seu coração para começar. Isso estava mais do que claro.

No entanto, ela pretendia fazer o melhor neste natal para o bem das crianças. Ela ficaria alegre e aproveitaria nem que o esforço a matasse.

Lucien passou o dia na vila, mergulhando na bebida, entorpecendo a dor na coluna e a dor maior em seu coração, intensificando a sua decisão de partir com todos os argumentos sensatos possíveis que pudesse conceber.

A verdade é que ele não era bom para ela. Tinha certeza de que partiria o coração dela de novo na primeira oportunidade, pois apesar da nobreza do seu título, ele era o que era. Como seu pai, ele bebia demais, se associava a mulheres demais e era autoindulgente. O pior de tudo, ele não tinha a menor noção do que era amar alguém — nem a ele mesmo.

Enquanto ele se esgueirava para dentro da casa, o som das teclas do fortepiano tocavam como sinos sagrados, soando por toda a casa. Lucien quase podia imaginar o acompanhamento de uma harpa antiga.

*GREENSLEEVES FOI toda a minha alegria
Greensleeves foi o meu deleite*

ENCANTADOR.

Mágico.

Mas o som que o atraiu para sala de pintura foi completamente outro som. Era o canto mais doce que já tinha ouvido.

*TEUS VOTOS QUEBRASTES, tal como o meu coração,
Oh, porque então me tens arrebatado?*

DE ALGUMA FORMA, não estava surpreso por encontrar Emma sentada ao piano, cantando como um anjo, seus cabelos fluindo gloriosamente por suas costas de um jeito que ele nunca tinha visto antes. Mas apesar das palavras melancólicas da canção, ela cantava

com alegria para sua audiência. E com a guarda baixa, ela era harmoniosa e elegante, e a visão dela sentada ao fortepiano, tão à vontade, o encheu com uma estranha sensação de paz... mesclada com tristeza, pois o lembrava de um tempo mais feliz.

Ela era tão parecida com sua mãe... antes do seu pai ter partido o seu coração. Antes de ela tomar a última dose letal de láudano, e então seu rosto tinha ficado cinza e o branco dos seus cabelos tinham coberto a cor uma vez lustrosa dos fios sem vida. Nem mesmo a morte tinha conseguido apagar as linhas austeras ao redor de seus lábios, ou os vincos entre as suas sobrancelhas.

Ele tinha toda a intenção de alugar uma carruagem e partir...

AGORA ESTOU em mundo diferente

Mas meu coração permanece cativo...

AS PALAVRAS da sua canção tocaram seus sentimentos. Ele já as tinha ouvido o suficiente, e embora ela cantasse sem melancolia, era a voz de sua mãe que ele ouvia.

Ele estava confuso, em uma encruzilhada.

Deveria ficar, ou partir?

O que ele realmente tinha a oferecer a Emma, exceto o seu nome e o título que ela provavelmente não dava a menor importância? Estava claro para ele que o que ela queria era exatamente o que ela tinha ali... uma família e um lar. E não era menos do que ela merecia.

Olhando para a lareira, viu que o presépio estava cheio com as palhas — sem dúvidas que era um punhado para cada uma das ações equivocadas que as crianças tinham cometido contra ele —

tudo por ela. Por mais leal que eles fossem, era a prática mais absurda que já havia testemunhado... berços, palhas e sonhos não realizados — hah, que fraude!

*Ah, Greensleeves, adeus agora, adieu,
A Deus eu rezo para que prospere...*

ELE DEU UM SUSPIRO. Tinha crescido acostumado a vê-los dessa forma — tão acolhedor e familiar... do modo que deveria ter sido... do modo que nunca tinha sido para ele...

O senso aguçado da perda o atingiu como uma nota dissonante. E ainda assim, ele ficou assistindo...

Ela não havia percebido que ele estava ali.

Nenhum deles.

Então ele ficou ali em silêncio, nas sombras do corredor, sentindo um prazer secreto em ouvir o som melodioso da doce voz de Emma... no modo como ela se virava para sorrir suavemente para os filhos do irmão, que estavam reunidos em volta do fortepiano... no modo como ela graciosamente tocava a música.

Ele deveria partir, sabia...

Devia se virar e partir antes que alguém percebesse que ele estava ali... mais uma vez sendo um intruso.

*POIS EU AINDA SOU TEU verdadeiro amante,
Vinde uma vez mais e me amai...*

ELE FICOU EXTASIADO.

E então já era tarde demais.

Emma virou-se e o viu. A balada terminou com um acorde desarmônico. Aqueles olhos castanhos desarmantes o fitaram com apreensão, e a culpa o tomou por completo. Pouco à vontade com o silêncio que se seguiu, Lucien desviou o olhar para o presépio.

E ficou olhando para lá.

E então fez a única coisa que sabia fazer.

Fez o que deveria ter feito muito antes.

Virou-se e se afastou.

“AQUELES DOIS CLARAMENTE SE AMAM. Em toda a minha vida nunca vi um olhar tão caloroso compartilhado entre duas pessoas.”

“Cecile, minha querida, não há nada que eu possa fazer para impedi-lo de partir agora,” Andrew disse a esposa, enquanto se enfiava ao seu lado na cama. “Nós conspiramos de todas as maneiras possíveis, e o que está feito, está feito!”

As pálidas sobrelhas de sua esposa se uniram. “Você não acredita que ele vai mudar de ideia?” perguntou esperançosa.

Vestido até o pescoço com as roupas de dormir, Andrew se aconchegou a esposa no modo mais escandaloso, mordiscando de leve sua orelha.

“Andrew, meu amor,” ela protestou. “Isso é muito sério. Se você não vai ouvir então eu devo... Eu devo—” Ela deu uma risada e um gritinho quando ele lambeu o seu pescoço como um cachorro. “Eu devo mandá-lo para sua própria cama!” ela advertiu, rindo. “Ouça-me. Não faça isso!”

Andrew lhe deu um olhar de cachorro abandonado, e ela tentou não rir.

“Nós *devemos* fazer alguma coisa,” ela disse com firmeza, batendo em sua mão quando ele enrolou um dos seus cachos em volta do dedo.

Ele suspirou. “Eu estou ouvindo,” disse resignado. Então muito seriamente, olhou para ela e disse, “Cecile, eu fui além do que devia ao permitir que minha única irmã entrasse no quarto de um conhecido libertino — mediante o seu pedido, devo acrescentar. Droga! Quando as crianças vieram até você com aquele plano ridículo, fiquei de lado e permiti. E então Emma veio de lá tremendo tanto, que eu me segurei — e segurei a língua — quando senti vontade de matar aquele cego tolo. Agora, eu não sei o que aconteceu lá dentro, e tenho certeza de que não quero saber, mas por tudo e com tudo o que sei, nós tentamos o nosso melhor e só conseguimos encher uma droga de berço com palha.”

“Mas—”

Ele colocou um dedo sobre os seus lábios, a silenciando de uma vez por todas. “Nós fomos além do nosso dever — muito, muito além! Chega.” Ele segurou seu queixo e levantou seu rosto até seus olhos se encontrarem, olhando para ela com adoração. “Fico bastante emocionado por saber que se importa tanto com a minha irmã... mas acredito que já passou da hora do duque partir.”

Cecile suspirou e balançou a cabeça. “Suponho que esteja certo... embora eu tenha tanta esperança. Teria sido um natal tão feliz, de verdade, se tivesse dado certo como planejamos.” Suspirou. “Emma estava tão adorável essa manhã, e eu pensei... Pensei que talvez eles pudessem conversar sobre tudo isso.” Ela suspirou novamente. “É tudo tão, tão trágico!”

“Mas acabou,” ele repetiu firme.

Cecile fez beicinho. “Você não viu o modo como ele olhou para ela essa noite? Se eles tivessem só mais um pouco de tempo...”

Foi a vez de Andrew suspirar. "Foi um momento desconfortável. No entanto, Willyngham me informou que iria partir de Newgale à primeira luz da manhã, e além do mais já devolvemos as rodas da carruagem. Dessa vez," disse inflexível, "nenhum de nós irá interferir. Devemos deixá-lo partir, Cecile."

Cecile deu um último suspiro. "Muito bem," cedeu, e então se virou para se aconchegar ao pescoço do marido. "Você é muito escandaloso," ela ronronou, "vindo ao meu quarto vestido desse jeito. Olhe para você! Pode imaginar a pobre Emma vendo o duque vestido desse jeito?"

"Ugh," disse, "não quero que me lembre disso! Ou terei que sair e matar o canalha, afinal."

CAPÍTULO SETE



De manhã, a carruagem estava pronta para partir como Peters tinha prometido. Suas rodas tinham sido devolvidas. O cocheiro estava com a barriga cheia dos banquetes. Até a neve tinha parado, deixando o céu limpo para o dia de viagem que teria pela frente. Mas mais uma vez, Lucien sentava na carruagem, contemplando o impensável.

Por que ele não podia partir?

Ficou sentado por mais um tempo, e então saiu da carruagem, estreitando o casaco, subiu os degraus da frente e praguejando, bateu com firmeza a porta com a intenção de falar com Emma.

Ele simplesmente precisava saber.

“Senhorita Emma!” sua criada Jane exclamou, sacudindo o braço de Emma não tão gentilmente. Sua voz estava muito alegre para o gosto de Emma. “Acorde!” ela exigiu. “É Véspera de Natal!”

“Nãããoooo,” Emma gemeu. “Vá embora.” Os últimos dias a tinha desgastado emocionalmente e além disso sentia-se abatida. Eles podiam tomar o café sem ela nesta manhã, fosse Véspera de Natal ou não.

“Oh, mas senhorita Emma.” Jane insistiu. “Você *deve* levantar!”

Emma grunhiu, e levantou as cobertas até as orelhas. “Eu não quero, Jane.”

“Mas senhorita Emma! O duque está chamando por você!” disse Jane, puxando as cobertas mais uma vez.

Emma se sentou na cama em um pulo.

Ele estava ao pé das escadas, se mexendo desconfortavelmente sob o olhar atento de Andrew e o olhar inquisitivo de sua esposa. As três crianças espiavam de cima pela grade da escada, deitadas sobre suas barrigas em suas roupas festivas, como se não pudesse vê-los. Seus pequenos rostos, emoldurados por fitas e laços vermelhos, olhando para ele. Todos os três querendo ver os seus esforços darem frutos. Verdade fosse dita, pensou que enlouqueceria com a espera.

“Você é bem vindo para se juntar a nós no café da manhã,” Cecile ofereceu.

Lucien se remexeu, olhando desconfortável para os rostos curiosos das crianças.

“Obrigado, mas não. Simplesmente preciso falar com Emma.”

Sentiu-se como um objeto curioso na melhor das hipóteses e como um intruso na pior, quando percebeu o quanto era inapropriado ter aparecido e tê-los obrigado a recebê-lo durante uma ocasião tão reverente. Simplesmente porque eles não tinham motivo para celebrar na sua casa, não queria dizer que outros não o fizessem.

Que inferno, ele devia partir. Devia passar direto pela porta, que estava apenas a uns dez passos dele. Por que ele não o fazia, não conseguia entender, mas ficou lá como um imbecil, esperando, enquanto três pares de olhos o encaravam de cima.

O que, por Deus, a estava atrasando tanto?

Seus olhos foram atraídos repentinamente para o topo da escada, onde Emma parou e olhou para ele. E ficou lá, parado, olhando embasbacado para ela, e soube imediatamente porque tinha ficado.

Deus o ajudasse... por mais que detestasse, foi atraído por ela de um modo que nunca teria considerado ser possível.

Ela tirou o seu fôlego.

Com um vestido de challis verde garrafa e de gola alta, ela deslizou pelos degraus como um glorioso anjo, enquanto sua dama de companhia ficou para trás observando e apertando as mãos com uma alegria mal suprimida. Ele tinha pedido que ela se vestisse para ficar aquecida, e ela trazia um manto combinando, suntuosamente enfeitado com arminho branco. Ela estava estonteante, com seu cabelo loiro morango preso de modo que seus cachos caíssem gentilmente ao lado do seu rosto — era uma visão.

Ele praguejou, soltando o ar. Em toda a sua vida nunca tinha sido tão profundamente afetado pela visão de uma mulher e com a lembrança do beijo do dia anterior, sentiu-se queimar.

Ele não tinha conseguido apagar o gosto dela dos lábios, ou o som dos seus suaves gemidos de sua mente.

Clareou a garganta, mudando de posição, inquieto, sob o escrutínio de todos. "Senhorita Peters," disse com a voz um pouco rouca, e então lançou um olhar de esguelha para a audiência indesejável. "Pensei... talvez... você queira se juntar a mim para tomar um pouco de ar nesta manhã?"

Emma franziu a testa ao ouvir seu pedido. "Um pouco de ar?"

Sentiu-se como uma tola vestida daquele jeito. Provavelmente, ele desejava simplesmente se despedir, pensou repreendendo a si mesma, mas... havia alguma coisa no pedido desta manhã que

parecia totalmente diferente. Contra o seu melhor julgamento, ousou ter esperança.

“Sim... Gostaria de falar com você,” rogou.

O mais graciosamente possível que seus membros instáveis permitiram, Emma terminou de descer os degraus segurando no corrimão para se apoiar. Ela estava completamente preparada para dar adeus a ele com toda a graça que pudesse reunir, mas Deus tivesse misericórdia, ele nunca esteve tão bonito como naquele momento. Tudo o que podia fazer era lembrar a si mesma de respirar.

Com calças da cor do lustre que se encaixavam bem demais nele, e uma casaca azul marinho adornada com botões dourados, a visão dele tinha feito seu coração falhar algumas batidas. Ela queria dizer a ele que aquilo era totalmente desnecessário, que ela desejava boa viagem e uma boa vida, e então correr para o seu quarto antes que cometesse uma desgraça e se debulhasse em lágrimas. Mas antes que pudesse falar e perder toda a coragem, ele subiu os degraus até ela, tomando o manto de suas mãos e colocando-o sobre seus ombros. E, meio que impaciente, a levou pelo resto do caminho das escadas e saiu pela porta.

Virando-se para questionar seu irmão, Emma só conseguiu vê-lo dar de ombros antes do duque a puxar porta afora e fechá-la rapidamente.

Mais uma vez, Emma abriu a boca para assegurá-lo de que ela ficaria bem — que eles podiam dispensar as formalidades — mas ele se antecipou perguntando, “Alguma vez eu disse o quão adorável você é?”

A prova da surpreendente pergunta ficou suspensa no ar entre eles.

Emma piscou e então balançou a cabeça depois de um tempo. Notando que ele ainda não tinha soltado a sua mão. Seus olhos azuis enfumaçados seguiram a direção do seu olhar, e sentiu o coração tombar quando ele entrelaçou os dedos com os dela aninhando sua mão na dele. "Posso?" pediu.

"Vossa Graça," Emma protestou, aflita. Se ele queria somente confortá-la, ela não suportaria. "Isso não é necessário."

Seus olhos adquiriram um brilho diabólico. "Ah, é sim," ele a contradisse e começou a caminhar pelos penhascos, levando-a para longe da casa.

O sol brilhava sobre a fresca cobertura de neve. O vento, para variar, estava parado assim como a sua respiração. Flocos de neve caíram sobre os seus cílios e ela piscou para afastá-los. Eles estavam caminhando em direção ao mesmo lugar onde seu coração tinha sido partido uma vez e toda a sua esperança foi esvaecida. Por que ele a levaria até ali?

"Realmente," disse Emma, tentando acompanhar as suas longas passadas, confusa e horrorizada com a possibilidade de ter suas esperanças esmagadas novamente — e logo no Natal! "Isso é completamente desnecessário—" Ela arfou quando ele apertou sua mão possessivamente e a puxou firmemente para frente para andar ao seu lado.

"Seu irmão devolveu as rodas da minha carruagem nesta manhã," disse bruscamente, sem um traço de raiva. Ele sorriu, na verdade, com um sorriso branco deslumbrante. "Parece que seus sobrinhos eram os culpados, afinal."

Para a sua surpresa, ele apenas riu com esse desfecho, e não pôde deixar de pensar que era um fato peculiar ele não estar mais tão furioso com as travessuras das crianças. Da sua parte, sentiu-se

mortificada por ele ter estado certo o tempo todo. "Presumo que agora partirá de Newgale?" disse, tentando soar indiferente.

"É isso que você presume?" perguntou, mas soando mais como uma afirmativa. Virou-se para ela com um curioso sorriso, e os olhos azuis brilhando de alegria.

"É claro, e eu lhe desejo bem."

Lucien não disse nada, embora a sua declaração o tenha feito se sentir desolado. Ele não tinha tanta certeza do que procurava nesta manhã, exceto que ele precisava falar com Emma sem que meia dúzia de par de olhos ficassem os encarando.

A única coisa que tinha ficado clara para ele depois que Peters devolveu as rodas e estava livre para partir... era que ele não desejava ir.

Disse a si mesmo que sentiu-se mal pelo que estava prestes a fazer com Emma, e se ele pudesse falar com ela sozinha... e se ela pudesse perdoo-lo de alguma forma, então estaria livre. Mas enquanto a levava para cada vez mais longe da casa, ficava cada vez mais claro que havia algo mais para ser resolvido. Suas motivações não estavam inteiramente claras. Ansiando por solidão, a levou para o penhasco onde uma vez ela tinha despido seu coração para ele, as batidas do seu coração acelerando em euforia a cada passo que dava.

"Vossa Graça!" protestou, e ele continuou ignorando-a, esperando descobrir alguma coisa brilhante antes que alcançassem a beira do penhasco.

Finalmente pararam diante das escadas que iam até a costa. E lá, com o sol brilhando sobre ele e o coração martelando como se fosse um jovem inexperiente, virou-se para encará-la.

"Emma," começou, e hesitou. Ela estava com o cenho franzido, e sentiu-se de repente estranhamente incerto de si mesmo. E ao invés

de continuar, perguntou “Você está com frio?”

“Eu estou muito bem, obrigada,” disse. Mas estremeceu, e ajeitou o manto sobre os ombros de modo a se aquecer melhor.

Lucien a puxou mais para perto, tentando aquece-la com o calor do próprio corpo.

“Vossa Graça,” protestou novamente.

“Lucien.”

Ela ergueu os olhos para ele, as sobrancelhas, suaves e perfeitamente desenhadas, franzidas. “Eu não sou a mocinha frágil que você parece pensar que eu sou,” declarou, evitando usar o seu nome de batismo, apesar do seu pedido.

“Eu não acho que você seja frágil de modo algum, Emma.”

Suas sobrancelhas se franziram ainda mais. “Não acha?”

“Pelo contrário.”

Impulsivamente, Lucien trouxe a mão de Emma aos lábios, depositando um beijo gentilmente na ponta dos seus dedos, levando-a em consideração e refletindo cuidadosamente sobre as suas próximas palavras...

“Você deseja que eu vá embora?” perguntou de repente.

Emma se arrepiou com a pergunta, querendo desesperadamente puxar a mão porque a lembrava de um outro tempo em que ele tinha segurado sua mão galantemente da mesma maneira e ela havia se envergonhado estupidamente com a sua tola declaração de amor.

Se ele pensou por um instante que ela se humilharia ainda mais — mais do que as crianças e Andrew já tinham feito — ele estava completamente enganado. “Eu certamente *não* estou na prateleira ainda, seu tratante. Eu suportarei. E muito bem, se quer saber!”

Só de pensar nela com outra pessoa — nos lábios de outro homem a tocando — Lucien sentiu um aperto no estomago.

Enrijecendo, ficou um pouco mais ereto e arqueou a sobrancelha. “Está tentando me dizer alguma coisa, senhorita Peters?”

“Não estou tentando lhe dizer nada!” declarou, soando um pouco histérica agora.

Lucien não pensou, só agiu. Sua mão voou, pegando-a pelo pulso e puxando-a com força para ele. O coração martelando contra suas costelas enquanto a pressionava intimamente contra ele. Abaixou a boca em sua direção e esmagou os lábios dela com os seus famintos.

Ela resistiu por apenas um instante, mas ele murmurou o seu nome e ela deu um gemido suave e se deixou abraçar por ele. Ele grunhiu de prazer quando ela permitiu que ele acariciasse a sua boca com a dele. Ela tinha o gosto do paraíso. Ele a queria nua e disposta em seus braços — queria amá-la apropriadamente.

“Emma,” sussurrou febril. “Emma, Emma, Emma...”

Cada centímetro do seu corpo estava vivo, com necessidade dela... de senti-la... do seu cheiro.

Ele a beijou completamente, e então levantou o rosto de repente, a esmagando contra a extensão do seu corpo, suas pálpebras pesadas enquanto a encarava em expectativa, procurando por respostas em sua expressão.

Franziu as sobrancelhas quando não viu nada além de angústia. “Me diga novamente que eu estou livre para partir,” exigiu, querendo que ela retirasse as suas palavras.

Seus profundos olhos castanhos pareciam com os de uma raposa que se viu na outra ponta da lança, encurralada e selvagem. Ela balançou a cabeça. “Eu não sei o que você quer de mim,” ela disse, soando tão torturada quanto ele se sentia.

Lucien balançou a cabeça e então a soltou abruptamente, desgostoso consigo mesmo. “Sinto muito... Deus, Emma... Sinto

muito... Eu... Eu não me conheço mais.” Ele abaixou a cabeça, incapaz de olhar para ela.

Sem dizer uma palavra, ela se virou e rapidamente se afastou antes que Lucien pudesse pensar em pará-la. Ela tinha levantado suas saias e tinha começado a correr, obviamente ansiosa para ficar o mais longe possível dele.

Por um momento Lucien, ficou estupefato e simplesmente a observou partir. As ondas abaixo rebentavam contra o rochedo do penhasco, tão caótico quanto ele se sentia.

“Emma!” gritou, mas já era tarde demais. Ela não poderia ouvi-lo sobre a arrebentação, e tudo em que pôde pensar enquanto a via partir era que nunca tinha se sentido mais miserável do que naquele momento.

Ele não tinha noção de quanto tempo ficou nos penhascos, olhando para as ondas arrebentando lá embaixo. A água vinha em ondas violentas, cobrindo a praia e batendo contra o rochedo implacavelmente.

Quando finalmente refez o seu caminho até a mansão, cortou caminho pelo jardim de rosas indo em direção aos estábulos, pensando em se reunir com o seu cocheiro e partir. Para o seu infortúnio, ele os encontrou — cada um deles — sendo levados até o jardim por um Jonathon animado. O coração de Lucien disparou enquanto os observava.

Ficou parado, observando-os, esperando que não o notassem, porque naquele instante ele não poderia ter se movido nem que fosse para salvar a própria vida.

Ocorreu a ele, depois de um instante atordoado, que eles estavam todos olhando para o céu, e preocupados demais para nota-lo. Curiosamente, olhou para cima para saber o que tinha chamado a atenção deles, e a paisagem que se desenrolava diante

dele lhe tirou o fôlego. Os céus estavam pincelados com nuvens violetas e listras no tom de malva e ameixa. Através delas no céu escuro, o mais incrível raio de luz que já tinha contemplado, tão brilhante e luminoso que o encheu de admiração. Era espetacular...

“Viu, eu te disse!” o jovem Jonathon estava gritando. “Tia Em! É o portão do Paraíso! Você estava certa! Todos nós ganharemos presentes maravilhosos agora!”

“Deve ser!” Lettie concordou com entusiasmo.

A risada de Emma flutuou até ele, uma risada genuína. Se ela estava furiosa com ele, não pareceu enquanto falava com as crianças. Ela olhou para o céu com admiração, as mãos estendidas e riu com deleite e então sentou em um banco... o mesmo banco no qual, lembrou, tinha tirado a foto do pai dela. Ele tinha feito uma para ele também... uma recordação... e de repente, tudo pareceu fazer sentido.

Se ele estava amaldiçoado, ela era a sua salvação.

Se ele estava incompleto, ela o preencheria.

Talvez seu pai tivesse percebido também?

O seu amor era um presente... uma promessa de que tempos melhores estavam por vir. Não obstante ele tinha convencido a si mesmo de que ficaria melhor sem ela, mas sabia bem lá no fundo que não era verdade.

Por isso ele não podia ir.

Ele a queria na sua vida, percebeu com uma súbita certeza. E sentindo-se mais contente do que tinha se sentido em anos se retirou do jardim para que ela não o visse. Ele sabia exatamente a quem recorrer para ajudá-lo com uma travessura e a ganhar a mulher que amava. E se tudo desse certo, realmente seria um natal muito feliz.

CAPÍTULO OITO



Na noite anterior ao natal, o tempo fechou, despejando, em um único dia, mais neve do que Newgale tinha visto durante todo o inverno. As nuvens violetas, por mais bonitas que fossem mais cedo, eram apenas o precursor de uma tempestade que se aproximava. Enquanto grandes flocos de neve, maiores que um soberano caíam das nuvens cheias lá fora, do lado de dentro as velas estavam acesas e brilhando alegremente, o fogo na lareira chamejava, e a casa estava aquecida e alegre. Mas o espírito de natal de Emma estava completamente desaparecido.

Como poderia celebrar qualquer coisa até que *ele* fosse embora?

Esta manhã tinha sido um grande desapontamento. Ela tinha visto apenas confusão nos olhos de Lucien, e então ela teve tanta certeza de que ele diria as mesmas palavras horríveis que tinha dito uma vez, que fugiu da sua presença como uma criança assustada. Agora se sentia embaraçada, e pior, exatamente como havia temido, ele tinha permanecido na residência, e ele ainda teria que até mesmo falar com ela.

Pensando nisso, ela não tinha visto sequer um fio de cabelo daquela cabeça bonita demais o dia todo, apesar de estarem presos dentro da casa. Depois de todo o rebuliço para devolver as rodas da

carruagem, o veículo tinha se tornado completamente inútil pelo tempo. Era uma conspiração, tinha certeza — uma na qual Deus parecia ser cúmplice.

Na verdade, agora que ela pensava sobre isso, ela não tinha visto ou ouvido nem seu irmão e nem as crianças.

Franzindo o cenho, perguntou-se onde todos eles poderiam estar... juntos em algum lugar sem dúvida.

Ela perambulou pela cozinha onde Cecile estava ocupada preparando o banquete de Natal. A casa cheirava a guloseimas deliciosas e os criados estavam todos ocupados sob o olhar atento de Cecile. De todos os dias festivos, esse era o dia em que Cecile tinha um papel maior nas preparações — não que ela precisasse, mas ela queria.

“Você viu as crianças?” Emma perguntou.

“Não, querida. Não desde essa manhã no jardim.”

Cecile sorriu, e se Emma não a conhecesse, juraria que era mais um sorriso afetado do que um sorriso propriamente dito. Viu um brilho de travessura brilhar nos olhos da cunhada. Influência do seu irmão, temia.

“Por acaso precisa de ajuda?”

“Nem um pouco,” Cecile respondeu alegremente. “A mesa está posta e Cook está dando os toques finais,” e assim, pôs Emma para fora da cozinha.

O cheiro da torta de picadinho a seguiu até o hall enquanto procurava as crianças, olhando de quarto em quarto.

Eles tinham feito uma nova tradição de trocar os presentes na manhã de Natal ao invés de ser no Ano Novo. Emma já havia embrulhado os dela, mas ela gostava de aumentar as expectativas das crianças em antecipação, e também adorava o dia de Santo

Estêvão. De muitas formas, nem ela e nem Andrew tinham deixado realmente de ser crianças.

“Onde estão as crianças?” perguntou a Andrew quando o encontrou sentado sobre os joelhos na sala de pintura mexendo em um estranho dispositivo. Com a ajuda de Giles, o mordomo, ele estava confeccionando uma espécie de engenhoca perto da lareira. Emma a inspecionou, se perguntando o que aquilo poderia ser.

“Atormentando o duque, sem dúvida,” respondeu sem constrangimento.

Emma franziu o cenho. “Sim, bem... quanto a isso... realmente preferia que o duque já tivesse partido. Ele está arruinando o Natal.”

“Para você?” Andrew perguntou sem se virar.

“Para todos nós!” ela declarou.

Andrew lançou em sua direção a expressão mais estranha. “Parece que as festividades se tornaram populares. Aparentemente a Rainha Vitória celebra com o maior vigor no Palácio de Buckingham.”

“Suponho que *e/e* tenha contado?”

Andrew se ocupou em ajustar a sua engenhoca. “Eu lembro quando praticamente ninguém celebrava,” disse. “Embora eu sempre tenha pensado na época de Natal como uma época de bondade, perdão e caridade, e parece que outras pessoas também deveriam. Não concorda?”

É claro que concordava, mas sabia precisamente aonde ele estava querendo chegar com essa linha de raciocínio e ela não estava com humor para ser tão indulgente. “O que você está fazendo?” ela perguntou.

Ele se virou para sorrir para ela, o mesmo sorriso de menino do qual se lembrava da sua juventude. “É segredo!”

Emma franziu a testa. Ela sempre tinha sido cúmplice dos esquemas de Andrew, não importava o quanto fossem estranhos.

Ele nunca tinha mantido segredos dela... embora aparentemente, agora ele mantivesse.

Olhando para a sua engenhoca com um pouco de irritação, Emma foi até a lareira para inspecionar o presépio desse ano, que estava cheio até o topo com um novo punhado de palhas. Em um pequeno lenço perto do berço, ela viu biscoitos e leite — uma ótima refeição para o menino Jesus. Andrew sem dúvida os comeria mais tarde naquela noite. Era uma tradição que eles tinham começado mais recentemente, e uma que Andrew parecia apreciar imensamente.

Ficou ali, olhando para o pequeno presépio e sentiu-se um pouco triste de que ela poderia nunca ver um filho seu dormir em um berço. Ela tinha vislumbrado por tanto tempo filhos com o cabelo da cor do pai e filhas que aguardariam com a respiração suspensa que seu Papa as deliciasse com contos — como ela tinha feito com seu pai.

Andrew não poderia entender porque ele tinha a sua própria família e Emma estava destinada a ser uma relação da família sem nenhum lugar para ir durante as festividades.

Esta uma vez tinha sido a sua casa, mas agora era do seu irmão — algo que nunca a tinha incomodado antes tanto quanto nesse momento. Na verdade, com Lucien na casa, ela não se sentia mais no seu lar. Embora não soubesse o porque disso ser verdade. A fazia se sentir vazia de alguma forma — como se alguém a tivesse colocado em um lindo conto de fadas e de repente, a tirado de lá e colocado diretamente no inferno. Um pouco melodramático supôs, mas era assim que se sentia. E o pior de tudo é que não podia de fato culpar Lucien. Por mais determinado que estivesse de se libertar desse noivado, ela viu alguma coisa nos seus olhos que ainda ansiava por alguma parte dela, fazendo-a ansiar por colocar os

braços ao seu redor e abraça-lo contra o seu peito. Ela podia ver a tristeza em seus olhos... uma tristeza confusa. E nunca tinha estado tão aparente quanto naquela manhã.

Ela ouviu a porta da frente abrir e fechar.

A risada se espalhou pelo hall — tão profunda e rica que só poderia pertencer a Lucien. As crianças murmuraram em resposta a alguma coisa que ele disse, e as vozes vinham na direção deles, tagarelando sem parar — em sua maior parte perguntas das crianças sobre uma coisa ou outra.

Andrew olhou para ela, sorrindo, e Emma se sentiu como uma raposa sendo caçada.

Talvez eles não parassem ali, ela esperava, mas não era para isso acontecer, porque dentro de instantes, o duque entrou, rebocando um abeto enorme sobre os ombros. As crianças vinham atrás dele, rindo e catando as agulhas no caminho.

“Encontramos uma grande!” Jonathon disse ao pai.

“Tia Em!” Lettie exclamou, vendo Emma perto da lareira. “Adivinha só!”

“A Rainha Vitória celebra com uma árvore de yule!” Samantha terminou por ela.

“Eu ia contar a ela,” Lettie disse em tom queixoso.

“O Príncipe Albert a trouxe da Alemanha!” Jonathon acrescentou, ignorando a discussão entre as irmãs e olhou com adoração para o duque, que sorriu para ele. “Certo?”

“Algo assim,” Lucien respondeu com uma piscadela.

Seu cabelo preto e o casaco ainda estavam cobertos de neve, e ele carregava a árvore sozinho, sobre um dos ombros como se tivesse feito isso durante toda a sua vida. As crianças sorriam de uma orelha a outra, permanecendo ao seu redor. Emma sentiu o coração falhar com a visão deles juntos.

Ela não queria compartilhar a sua família, mas tinha que confessar que ele parecia mais à vontade do que já tinha visto. Apesar de ter sido criado com mais seriedade, ele parecia se sentir em casa com a sua família nada convencional.

Ela piscou para afastar as lágrimas que haviam surgido nos seus olhos e olhou para o irmão que continuava olhando para ele solícito.

Emma sentiu-se como se tivesse seis ou sete anos.

E agora? Ele simplesmente ficaria lá e usurparia as suas tradições? Ele nunca iria partir?

Enquanto os observava, Lucien carregou o abeto até onde Andrew estava e os dois juntos colocaram o tronco na estranha engenhoca de Andrew e ajustaram a árvore até ficarem satisfeitos. Aparentemente, era um dispositivo para manter a árvore em pé, mas Emma continuava perplexa. "Por que alguém traria uma árvore para dentro de casa?" ela perguntou. "Nunca ouvi nada sobre isso!"

Sem se dirigir diretamente a ela, Lucien respondeu, "Como diz o Príncipe Albert, um dia, muito tempo atrás, um estranho veio até a porta da casa de uma família." Ele olhou para ela de forma significativa. "Sem ser convidado."

Não muito diferente do duque, Emma pensou rabugenta.

Ele sorriu como se tivesse lido a sua mente. "A família abriu a porta e encontrou um jovem rapaz, faminto e com frio, que queria se aquecer perto do fogo."

Não como o duque, acrescentou mentalmente já que não havia nada de indigente no Duque de Willyngham!

"Era o menino Jesus!" Samantha explicou.

"Então nós vamos decorá-la," revelou Jonathon animado.

"Com lantejoulas e velas!" Samantha acrescentou.

"Mas isso não explica a árvore," Emma argumentou, sentindo-se não muito amigável e como se tivesse sido deixada de fora, apesar

da festividade e do sermão de Andrew.

É claro, Andrew teve que dar continuidade, como se eles tivessem sentado juntos para contar histórias de Natal na sua ausência. "Aparentemente, antes do menino ir embora, ele partiu o galho de um abeto e deu de presente a eles em agradecimento por terem cuidado dele."

Lucien olhou diretamente para ela e sorriu. "Este é o meu jeito de dizer obrigado," disse. "Por compartilharem a sua casa."

Com a árvore agora presa e em pé, Emma estava vagamente ciente de que Andrew tinha reunido as crianças e as retirado da sala, deixando-a completamente sozinha com o duque. De novo.

"De verdade, obrigado por compartilhar a sua casa e a sua família comigo, Emma," disse depois de um momento.

Emma se sentiu acalorada. Não conseguiu encontrar palavras para responder. Ela apreciava o sentimento, de verdade, mas era difícil perdoar tudo pelo que a tinha feito passar. "Você não me deu nenhuma escolha, Vossa Graça, mas não pode simplesmente vir aqui e roubar a minha família!"

"É isso o que pensa que estou fazendo?"

"E-Eu não sei o que você está fazendo," Emma confessou. Mas a deixou desconcertada, no entanto. "Certamente parece que é isso que está fazendo."

Lucien levou um tempo simplesmente olhando para ela. Ela estava estonteante nessa noite, decidiu.

Estava com um vestido adorável em tom de pêssego, com uma renda suave saindo das mangas e espiando por cima do corpete. Seus profundos olhos castanhos refletiam as chamas do lustre, brilhando lindamente. E seu cabelo puxado para trás e preso com uma precisão perfeita, o deixou com vontade de arrancar os grampos e correr os dedos por entre os fios lustrosos.

“Na verdade... Eu estava esperando que você permitisse que eu me juntasse a você e a sua família *todo* Natal,” ele sugeriu. “Poderíamos fazer disso uma tradição.”

Emma balançou sobre os seus calcanhares. “Por que raios nós faríamos *isso*?”

Lucien foi em sua direção, olhando para o presépio por cima do ombro dela, determinado a compensá-la, a fazê-la notar a mudança em seu coração.

Emma deu um passo atrás e ele sorriu, porque ela estava se movendo exatamente para onde ele a queria... sob a gigantesca bola de azevinho que ele fez as crianças construírem para ele.

“Pra começar, porque eu conto histórias muito boas,” ele sugeriu, dando mais um passo em sua direção.

Ela recuou mais uma vez e ele viu a cautela em seus olhos enquanto se aproximava.

“Por exemplo, tem um conto de um homem amaldiçoado que observava uma menina adorável em uma noite e pensou que faria dela a sua noiva.”

Emma revirou os olhos. “Acredito que já ouvi essa história antes.”

“Oh? Ela estava usando um vestido amarelo limão?”

“Da cor da luz do sol,” acrescentou, assentindo atrevida.

Ele sorriu. “De qualquer maneira, ele tinha certeza que a sua bondade inata passaria para ele e isso o transformaria...”

“Em alguém menos amaldiçoado?”

Ele arqueou a sobrancelha. “Eu ia dizer... em uma pessoa melhor.”

“Eu poderia ter lhe poupado o trabalho,” disse a ele. “Veja bem, dificilmente funciona desse jeito. Uma vez amaldiçoado, sempre amaldiçoado,” assegurou.

“É mesmo?” sorriu ironicamente. “De qualquer forma, uma vez que o homem percebeu que a garota estava apaixonada por ele, e como seria fácil partir o coração dela, ele tinha certeza de que a melhor coisa a ser feita era ir embora e poupá-la de qualquer sofrimento.”

Seus ombros se endireitaram, impassível com a sua caridade. “Quanta gentileza da parte dele.” Claramente, ela tinha percebido o rumo da história e não estava preparada para ter misericórdia. “Posso lhe assegurar de que ela se recuperou independentemente.”

Evidentemente.

Não havia nada quebrado na mulher diante dele. Ela dificilmente era a menina que ele tinha deixado para trás há três anos.

Emma o surpreendeu ao dar um passo em sua direção, sua linguagem corporal agora ofensiva. O coração de Lucien falhou uma batida com o jogo de xadrez. Ela era uma mulher do início ao fim e seu olhar não lhe dava espaço.

Lucien se recusou a dar um passo atrás já que não serviria ao seu propósito. Ele evitou olhar para o azevinho. Ela estava tão perto agora que ele podia sentir o calor que irradiava do seu corpo, e ansiava em trazê-la para os seus braços. “Sim, ela o fez,” ele concordou. “Mas o homem percebeu que ele estava errado.”

“Errado?” Curiosa agora, ela inclinou a cabeça de leve, e Lucien pensou em beijá-la bem ali e agora. “Como?”

Ele se inclinou para a frente, encarando os seus lábios. “Porque ele percebeu que era a *ele* que esteve protegendo esse tempo todo,” confessou, surpreendendo a si mesmo com a própria revelação. E assim que disse, soube que era verdade. Suas sobrancelhas se uniram enquanto ele pensava na nova direção que seus pensamentos tinham tomado. “A verdade é que ele se sentia vulnerável, Emma.”

“Não entendo.”

“Nem eu entendo precisamente, mas é verdade.”

Os olhos dela começaram a cintilar e Lucien quis abraça-la. Com os ombros posicionados obstinadamente, ela permaneceu firme. “Ora, ele não pode simplesmente mudar de ideia assim de repente!”

“Por que não?”

Ela franziu o cenho lindamente. “Porque ela nunca mais vai acreditar nele de novo. Ela não se importa.”

“É claro que ela se importa,” ele insistiu.

Emma balançou a cabeça. “Não, ela não se importa.”

“Eu posso provar,” disse suavemente, e apontou para o azevinho. “Eu proponho um beijo — como prova.”

Ela olhou para o azevinho, dando um passo para trás e parando diretamente abaixo da bola bruta. “O que é *isso*?”

“Uma bola do beijo.”

“Nunca ouvi falar sobre tamanho absurdo! De onde veio isso?”

Lucien deu de ombros. “Três adoráveis crianças a confeccionaram para mim. Só um beijo, Emma,” suplicou, “e se você ganhar, partirei de Newgale a primeira luz da manhã. E além disso, postarei no *Times* que foi você que terminou, não eu.” Ele alcançou sua mão e a segurou possessivamente. “Juro pela vida da minha mãe que direi a todos que foi você que não quis casar comigo.”

“Mas a sua mãe está morta,” assinalou razoavelmente.

Lucien deu de ombros. “Então eu juro pela minha honra.”

Um pequeno sorriso começou a se formar nos lábios dela. “De acordo com o *Times*, você não tem nenhuma,” ela o lembrou inflexível.

“Mas eu *nunca* minto,” Lucien disse a ela. E era verdade, pois não importava o que ele pudesse ser, ele não conseguia arrancar uma única mentira dos seus lábios — nem mesmo para poupar os

sentimentos de alguém, o que os havia levado para essa confusão em primeiro lugar.

Ela olhou para ele desconfiada. “E se eu me recusar?”

“Não pode, veja bem. É a lei do Natal,” ele declarou. “Quando duas pessoas se encontram debaixo de uma bola do beijo, não podem se recusar, do contrário, nenhum deles se casará.”

Os olhos dela brilharam com o desafio. “Eu poderia simplesmente me afastar,” ela sugeriu espertamente.

“Então você partiria o meu coração,” ele declarou.

Era um disparate, Emma sabia, e ainda assim a esperança explodiu dentro do seu peito.

Olhando para a bola de azevinho, sentiu seu coração bater freneticamente. Brutamente enrolada com corda, a baga de ramos estava pendurada conspicuamente no teto. Gigante como estava, como ela poderia não ter visto ao entrar na sala, mas era claramente o trabalho dos filhos de Andrew. Embora pela altura somente Andrew ou Lucien poderia tê-la pendurado ali — provavelmente ambos. Ela olhou para a porta, amaldiçoando o seu irmão à perdição. Seria a travessura mais cruel do mundo se Lucien estivesse simplesmente brincando com o seu coração.

Certamente Andrew não aprovaria.

“E quais são os termos dessa aposta, Vossa Graça?”

“Só um,” Lucien revelou quando ela olhou em dúvida para ele. “Simplificando, se você permanecer impassível durante o beijo, dirá que eu pare e eu desistirei.”

Por um bom tempo, ele simplesmente a olhou, bebendo da visão dela parada a sua frente. Ela era tão adorável que fazia seu coração doer. E então sorriu. Se tudo acontecesse do modo como tinha planejado, na manhã seguinte ela seria dele para todo o sempre... nem tudo tinha sido aprovado pelo seu irmão.

“E se você ganhar?”

“Então irá parar de me chamar de Vossa Graça, e irá compartilhar esta festividade comigo até que estejamos velhos e grisalhos.”

“Por todo esse tempo?” ela perguntou, considerando com um sorriso.

Ele se esticou e pegou um fruto. “Um fruto por um beijo,” propôs. “Essa é a regra.”

“Muito bem,” ela disse, e franziu a boca, exigindo, “Vá em frente e me beije agora.”

Rindo, Lucien fez como ela pediu antes que ela mudasse de ideia.

Devagar, saboreando o momento, ele passou um braço ao redor da sua cintura atraindo-a mais para perto. E então se inclinou para a frente, tocando os lábios dela com os seus e a ouviu sugar o ar em choque ao contato íntimo. Mas ela não protestou e ele grunhiu em triunfo.

“Emma,” sussurrou, e trapaceou um pouco, colocando uma mão na sua nuca para mantê-la exatamente onde a queria. Ela não pareceu notar, e ele se aproximou mais ainda, testando um beijo mais profundo. Em um teste, ofereceu sua língua, molhando os seus lábios gentilmente, provocando até que ela se rendeu a sua persuasão.

Era o beijo mais sincero que já havia compartilhado — um beijo que fez seu coração se contorcer. Certamente ela estava tão comovida quanto ele.

Respirando fundo vitoriosamente quando lhe ofereceu sua língua, inclinou-se mais em sua direção, aprofundando o beijo, até que seu coração martelava como uma bigorna.

Lucien a beijou como se sua vida dependesse disso — porque dependia condenadamente bem.

Que Deus o ajudasse, ele a queria.

Ele sabia disso agora.

Ele a queria desesperadamente.

Para todo o sempre.

Emma não conseguia lembrar exatamente o que ela devia fazer, só que era muito bom ser beijada daquele jeito... como se ele realmente a amasse. Sem pensar, apenas reagindo, envolveu o pescoço dele com os braços, com medo de que o beijo terminasse muito rápido.

Ele respirou fundo e se afastou, e o corpo de Emma o seguiu por vontade própria.

Os olhos dele brilhavam alegremente. “Não tenho tanta certeza de quem foi que ganhou,” ele sussurrou, e Emma olhou para ele sonhadora enquanto ele se esticava e pegava outro fruto. “Vamos tentar de novo.”

Emma assentiu, suas mãos indo para a sua nuca, levantando-se na ponta dos pés, ansiosa demais para reunir seus lábios. “Sim,” consentiu.

Lucien deu uma risada profunda, beijando-a gentilmente, e se esticou para pegar mais um fruto antes mesmo de o beijo terminar.

“De novo?” ela perguntou sem fôlego. “O que acontece se os frutos acabarem antes de decidirmos quem venceu?”

“Nós pegaremos mais frutos,” ele revelou, rindo, e então a abraçou mais uma vez e a beijou com toda a sua alma.

“Shhhh... eles estão se beijando,” uma voz infantil sussurrou, e murmurou baixinho.

Emma soltou um gritinho de alarme e se encolheu para sair dos braços de Lucien, atordoada. As crianças gritaram e saíram

correndo.

Em algum lugar ao longe, talvez no final do corredor, alguém disse como se ela estivesse em um sonho, "O jantar está servido!"

Se recompondo, Emma olhou ansiosamente para a porta. Por um momento, ela não disse nada, o rosto queimando. E então, após um bom tempo, ela disse, "Essa foi uma história e tanto, Vossa Graça."

"Lucien."

Seus lábios se curvaram suavemente. "Lucien."

Ele sorriu quando ela disse seu nome. "É um verdadeiro conto de Natal," ele insistiu.

"Sim, percebo..." E ela olhou para a bola do beijo pendurada acima das suas cabeças. "Todo natal?" perguntou, para ter certeza.

"Todo natal," ele disse, e ofereceu o braço a ela.

Mas o beijo era somente a prova de que seu coração ainda pertencia a ele... essa noite ele pretendia uni-la a ele para sempre.

CAPÍTULO NOVE



*A*o badalar da meia-noite, Lucien se esgueirou em direção ao quarto de Emma.

Todas as luzes já tinham se extinguido para a noite, mas a casa estava inflamada com algo ainda mais brilhante — a luz do amor. Brilhava aqui nessa casa, onde o povo estava longe de ser sério como aqueles que tinha encontrado em sua vida. Não importa o que fosse que tinha vindo de Londres para realizar, não era isso, percebeu, mas tão certo quanto a neve fresca que caia, ele tinha conseguido atravessar essa tarde. E as gargalhadas que compartilharam no jantar, o fizeram perceber que Emma era a mulher com a qual queria passar o resto da sua vida.

Ele não podia imaginar outra em sua cama.

No meio do caminho, ele parou quando uma porta abriu e fechou no final do corredor.

Segurando uma vela a sua frente, Andrew Peters, completamente vestido de vermelho e com uma touca combinando, parou quando viu Lucien.

Ele se ajeitou, e andou até ele, embora não tenha dito uma palavra até parar em frente a Lucien. E então, encostando um dedo no nariz, ele pensou calmamente olhando para Lucien.

Foi somente nessa luz, sem a pompa do traje formal, que Lucien pôde ver o quão jovem Peters era. Ele não devia ter mais que cinco anos a mais do que Emma. Ele ajeitou os ombros e encontrou o olhar de Lucien por um longo tempo, os dois homens ficaram simplesmente se encarando. Depois de um certo tempo, Andrew deixou os ombros mais retos e perguntou, "Pistolas serão necessárias ao amanhecer?"

"Só se você me impedir de casar."

Eles avaliaram um ao outro.

Peters pareceu pensar sobre a sua resposta por um momento, e aparentemente, satisfeito, assentiu. "Prossiga, então," disse, e continuou andando, protegendo a vela diante dele, explicando, "Tenho uns biscoitos para comer." Sua luz continuou se movendo pelo corredor, fazendo as sombras dançarem. Ainda assim Lucien aguardou, metade sua esperando que ele se viraria e gritaria com ele como um homem louco, mas não o fez.

Por mais estranho que fosse, racionalizou, devia ser bem diferente para um irmão do que era para um pai. Além disso, eles já estavam noivos, argumentou consigo mesmo, e sorrindo sentiu-se o homem mais sortudo na face da terra.

Quando teve certeza de que Andrew Peters não o mataria, novamente tomou o caminho para o quarto de Emma, pensando que deveria revisar seu plano e ter uma conversa com ela. A necessidade de vê-la era inexorável. O jantar com ela e a sua preciosa família o tinha deixado desejando a sua eterna presença.

Ela o fez sorrir, e a sua jovem exuberância não mais o assustava. Na verdade, ele a achava contagiante, e pela primeira vez em um longo tempo, se sentiu cheio de antecipação e paixão.

Se esgueirando para dentro do quarto dela, ele foi até a sua cama e se ajoelhou ao seu lado, colocando uma mão sobre a sua

boca para tampar o inevitável grito de surpresa.

“Emma,” sussurrou animado.

Seus olhos abriram arregalados. “Lucien?”

“É manhã de natal!” disse.

O som alegre na voz de Lucien trouxe um sorriso instantâneo aos lábios de Emma.

Ela piscou, olhando para a janela. Por mais congelada que estivesse, ela ainda podia ver a lua alta no céu. Uma luz prateada entrava no quarto, iluminando o lindo rosto de Lucien e seus claros olhos azuis. “Mas ainda é noite,” argumentou.

“Depois da meia-noite, portanto é de manhã,” persistiu com um sorriso. “De qualquer forma, não pude esperar para te dar o meu presente!”

A noite tinha sido realmente adorável, com uma grande promessa, mas Emma dificilmente teria esperado um presente de Lucien. Surpresa com a perspectiva, sentou, puxando a coberta para cima do peito. “Um presente? Oh, não! Mas eu não tenho nada para te dar, Lucien!”

“Você já me deu um presente,” disse a ela, e ainda sorrindo, ele tirou uma caixinha do bolso, e a entregou.

O coração de Emma batia violentamente contra o seu peito, pois sabia exatamente o que continha.

O anel da mãe dele.

Ela o tinha colocado na mesa de Andrew e se afastado, esperando que nunca mais fosse vê-lo. Esquecendo a modéstia, ela soltou a coberta e abriu a caixa de uma vez, ofegante de alegria — não porque o anel era lindo, com a enorme pedra de madrepérola incrustada com o brasão da família de Lucien, mas porque dessa vez quando ele o deu para ela, pôde ver a certeza nos seus olhos.

As palavras fugiam dela enquanto o olhava por cima da caixa em sua mão.

“Coloque-o,” pediu.

Lágrimas não derramadas se acumularam nos olhos de Emma. Ela piscou para afastá-las, mas não conseguiu falar. Sua garganta ficou seca e sua visão fosca. Na verdade, ela não conseguiria colocar o anel nem que a sua vida dependesse disso.

Impaciente para vê-lo novamente em sua mão, Lucien pegou o anel na caixa, deslizando-o delicadamente por seu dedo. Ele respirou fundo. “Seja a minha esposa,” rogou. “Eu te amo, Emma Peters,” disse com sinceridade, e beijou sua mão com ardor. “Acredito que amei desde o começo. Só não me sentia merecedor na época — nem me sinto agora, mas nunca a deixarei se arrepender desse momento — Eu juro!”

As lágrimas rolaram pelo rosto de Emma.

Com a respiração suspensa, Lucien esperou por sua resposta, na esperança de que ela não achasse um motivo para negá-lo. Depois de tudo o que ele a tinha feito passar, não a culparia caso escolhesse se afastar. Mas ele tinha se preocupado por nada, porque viu o perdão em seus olhos — e muito mais — e ela sussurrou suavemente, “Sim!”

Seu coração pulou na garganta.

Naquele momento, não pôde evitar — seu irmão que se danasse — que o decoro se danasse. Ele a queria com um desejo mais feroz do que já tinha sentido. E se ele desse muita, muita sorte, ela estaria devidamente arruinada pela manhã. E ele se casaria com ela com uma pressa tão escandalosa que levantaria todas as sobancelhas de Londres, se não de toda a Inglaterra.

Ela suspirou suavemente enquanto ele adorava a sua boca e ele estava vagamente ciente de que ela tinha soltado a caixa do

presente. Caiu esquecida no chão com um barulho na madeira.

“Lucien,” ela sussurrou por entre os seus beijos. “O que você está fazendo?”

A honestidade sempre tinha sido o que funcionava melhor para ele, decidiu. “Me certificando de que você não terá outra opção a não ser se casar comigo pela manhã.”

Emma não pôde abafar uma risadinha horrorizada. “Você é um homem perverso!” disse, engasgando com a emoção.

Lucien riu baixinho, a deitando de volta na cama, enquanto a beijava completamente. “Foi o que me disseram,” disse sem remorso, e quando ela não protestou, ele rolou na cama levando-a com ele. “Agora diga que me ama,” exigiu, segurando-a firme pela cintura. “Ou eu gritarei com todas as minhas forças e acordarei a casa inteira!”

Emma reprimiu um grito de surpresa ao se encontrar de repente olhando para ele de cima. “Você não ousaria!”

Lucien abriu a boca para provar o contrário, e Emma tapou sua boca com a mão, rindo. “Eu te amo,” cedeu de uma vez.

“Diga de novo,” pediu baixinho.

“Eu te amo,” confessou com emoção, e então, Deus a ajudasse, disse de novo, “Eu amo você, Lucien.”

Lágrimas não reprimidas deslizaram por seu rosto quando se inclinou para beijá-lo livremente por sua própria vontade.

Foi o momento mais doce, o mais comovente da vida de Emma. Quem diria que um beijo podia conter tanta promessa?

Suas mãos foram para a nuca dela, segurando-a junto a ele, provando sua boca com um abandono selvagem, dando a ela o mais perverso calafrio. Embaixo dela, seu corpo enrijeceu e ela exalou surpresa e sentou escarranchada sobre ele, olhando para o seu lindo rosto.

Toda e qualquer risada morreu quando seus olhos se encontraram.

Emma não era mais uma criança. Ela sabia o que vinha depois e o acolheu totalmente. Ela sorriu gentilmente. “Você com certeza terá que me levar correndo para o altar,” o advertiu.

Ele devolveu o sorriso para ela. “Estou inteiramente preparado para fazê-lo sem nem mesmo anunciar os proclamas.”

Emma riu e pôs as mãos em concha no seu rosto, certificando-se de que esse momento não era só um sonho maravilhoso. “E agora?” ela perguntou seriamente.

“Agora... minha doce Emma... Eu vou te ensinar *todos* os maus caminhos,” disse e se mexeu embaixo dela.

“Todos eles?” perguntou timidamente.

“*Todos* eles,” respondeu, e para que ela não confundisse o que ele queria dizer, deslizou a mão para cima e segurou um seio delicioso. Ela arfou em surpresa e se arqueou ao seu toque. Lucien gemeu profundamente. Como tinha imaginado, seus seios preenchiam suas mãos perfeitamente, como se fossem feitos para ele — e eram, reconheceu, os acariciando suavemente.

“Me ensine tudo,” ela sussurrou, mudando instintivamente em cima dele, se encaixando mais intimamente contra ele, e ele percebeu naquele instante que tinha julgado sua noiva erroneamente. Ela era mulher até o amago.

Ela não precisou pedir duas vezes.

O corpo dele vibrava com a sensação do seu corpo sobre ele, ele a trouxe para baixo para poder beijá-la com paixão, chovendo pequenos beijos em seus lábios cheios, nos cantos de sua boca, e ao longo do seu pescoço, e descendo... até encontrar exatamente o que procurava. Ela arqueou mais uma vez ao seu toque, e gemeu

baixinho enquanto ele se levantava para alcançar os seus seios e atraiu um mamilo gentilmente para a sua boca.

Deus, ele tinha esperado uma vida inteira por isso, percebeu. Naquele momento, o traço de qualquer mulher foi apagado da sua memória. Só Emma existia.

Com a mão livre ele acariciou seu corpo, seus dedos brincando de leve com o comprimento da sua camisola. Ele levantou o tecido delicado vagorosamente, e gemeu de prazer quando ela não o impediu. "Você tem certeza?" perguntou com a voz grossa.

"Você tem certeza?" perguntou de volta.

"Mais do que *qualquer coisa* na minha vida!"

"Então me ensine *tudo*," rogou, e tirou ela a mesma a camisola. A visão dos seios fartos, iluminados pela luz da lua, sua pele perfeita e seus mamilos endurecidos em antecipação, o deixaram completamente duro.

Impulsionado, seus dedos percorreram as suas curvas femininas, querendo provar todo o seu corpo com um fervor diferente de tudo o que já tinha experimentado.

Emma não podia sequer pensar em protestar... não podia sequer considerar as consequências. Não conseguia pensar em nada.

Ela se impulsionou em direção a palma de sua mão quando ele a tocou... lá. Ele a estava dando um prazer tão, tão perverso — ela não aguentaria.

Ele a acariciou com o polegar, os olhos fechados e suas narinas dilatadas como um caçador cheirando a sua presa, e ele desenhava círculos em torno da sua feminilidade.

Lucien se sentiu pulsar embaixo do corpo dela enquanto ele a deixava mais úmida. E então, esperando não chocá-la, louco de desejo, retirou os dedos e os trouxe para a boca, sugando a doce umidade.

Ela tinha o gosto do paraíso. Sua Emma. Sua doce, doce, Emma.

Ela quase o desarmou no ato ao se abaixar e beijá-lo em cheio na boca, o gesto chocante, mais erótico e poderoso pela sua doçura do que qualquer cortesã experiente teria provocado nele.

Em um movimento repentino, ele a colocou de costas e começou a se livrar da prisão de suas roupas enquanto ela o assistia.

Ela estava tão pronta para ele que ele só pode remover rapidamente os calções, e mesmo com a rápida separação, ela não protestou.

Emma assistiu Lucien com admiração. Seu corpo era duro e parecia ter sido esculpido, tão diferente do que ela tinha imaginado. Ele a montou, devorando-a com os olhos famintos e sua respiração ficou presa na garganta.

Ela não o temia, disse a si mesma. Embora os seus olhos a lembrassem de um lobo faminto, também era possessivo e estava repleto de adoração.

Finalmente, sem sombra de dúvida, ela soube... ele era dela, e ela era dele.

Quando ele se colocou em cima dela, Emma acolheu o seu peso com delírio.

Pressionando-a com o corpo, Lucien gemeu em expectativa. Aninhando-se na sua maciez, ele se balançou contra ela, seus movimentos lentos e eróticos enquanto sussurrava, "Deixe-me amá-la para sempre desse jeito. Traga luz para a minha vida, risadas para a minha casa, alegria e música para todos os natais." Ele deslizou mais para baixo, se acomodando entre as suas pernas.

"Sempre," ela prometeu e afastou as pernas para poder recebê-lo.

Lucien grunhiu de prazer e ela gemeu baixinho enquanto ele a penetrava. Ele alcançou a barreira da sua virgindade, e se abaixou

para abafar seus gritos suaves com a sua boca.

Incapaz de aguentar por mais tempo, sabendo que seria mais fácil para ela se ele a penetrasse rapidamente, ele gemeu e empurrou até o fundo, rompendo sua virgindade com um movimento poderoso. E então a amou devagar, deleitando-se com o seu corpo, a beijando o tempo todo, dando a ela o seu coração.

Quando Emma gritou suavemente e seu corpo se enrijeceu debaixo dele, jogou a cabeça para trás e gritou em êxtase. Seu corpo estremeceu violentamente de prazer e ele agarrou-se a ela possessivamente.

Depois, ele a segurou mais perto enquanto seu corpo continuava a estremecer de prazer.

A luz da lua se derramava pela janela aberta para iluminar seu rosto e suas lágrimas — lágrimas de alegria. No que lhe dizia respeito, ela era sua esposa deste momento em diante. “Feliz Natal,” Lucien disse em um sussurro rouco, se esticando para enxugar suas lágrimas com beijos.

“Feliz Natal,” disse, e o puxou mais para perto.

OUTROS LIVROS DE TANYA ANNE CROSBY

The Highland Brides

The MacKinnon's Bride

Lyon's Gift

On Bended Knee

Lion Heart

Highland Song

Os Guardiões da Pedra do Destino

Once Upon a Highland Legend

Highland Fire

Highland Steel

The Medievales

Once Upon a Kiss

Anjo de Fogo

Viking's Prize

The Impostor Series

The Impostor's Kiss

The Impostor Prince

Redeemable Rogues

Felizes Para Sempre

Perfect In My Sight

A Noiva de Sagebrush

Um Beijo de Amor

Antologias & Novelas

Lady's Man

Travessuras no Natal

Married at Midnight

The Winter Stone

Romance de suspense

Speak No Evil

Tell No Lies

SOBRE A AUTORA



Os romances de Tanya Anne Crosby agradaram inúmeras listas de best-sellers incluindo a lista do New York Times e do USA Today. Conhecida por suas histórias recheadas de emoções e humor, e com personagens mais humanos, seus romances colheram louvores de leitores e brilhantes avaliações críticas. Ela mora com o marido, dois cachorros e dois gatos temperamentais ao norte de Michigan.

Per maggiori informazioni:



@tanyaannecrosby



tanyaannecrosby

www.tanyaannecrosby.com

tanya@tanyaannecrosby.com